

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção dos leitores para a nova era que começou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama sempre foi, em todos os tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual acontece a manifestação do plano divino.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, permanece no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor para operar esta revolução espiritual em si mesmo.

ÍNDICE:

- 2 DEUS EM MIM:
FUNDAMENTO DO
GNOSTICISMO
- 4 A GNOSIS DO SÉCULO XX
- 7 DEUS É LUZ
- 11 O CAMINHO INTERIOR
DA GNOSIS: O LIBRUM
NATURÆ
- 16 A AURORA DE UMA
NOVA CONSCIÊNCIA
- 19 “POIS EXISTE UM
SÓ DEUS”
- 22 NA VÉSPERA DE PÁSCOA...
- 24 A DOCTRINA GNÓSTICA
DE VALENTINO
- 26 O QUE OS ROSA-CRUZES
ENTENDEM POR ...
- 29 A FORMAÇÃO
DE UM MICROCOSMO
- 30 A FORÇA DE AÇÃO DA
GNOSIS NO MUNDO
- 34 A VERDADE SOBRE
O GNOSTICISMO
- 38 PRECE AO PAI DAS LUZES
- 40 GNOSIS FALSA E
GNOSIS VERDADEIRA
- 42 DESENVOLVIMENTO DE
UM NOVO PODER MENTAL

1997

ANO DEZENOVE
NÚMERO 2

DEUS EM MIM: FUNDAMENTO DO GNOSTICISMO

Neste número da revista Pentagrama, iremos desenvolver o tema "Deus em mim" a partir de um ponto de vista estreitamente ligado à experiência vivida da Gnosis e pelo gnosticismo em nossa época. Esta experiência procede de uma visão de vida orientada pelo restabelecimento do Homem-luz original no microcosmo. O gnosticismo não é um antigo sistema filosófico que passou a interessar as pessoas em nossos dias, mas sim uma senda que todos os seres humanos devem percorrer quando buscam seu verdadeiro destino.

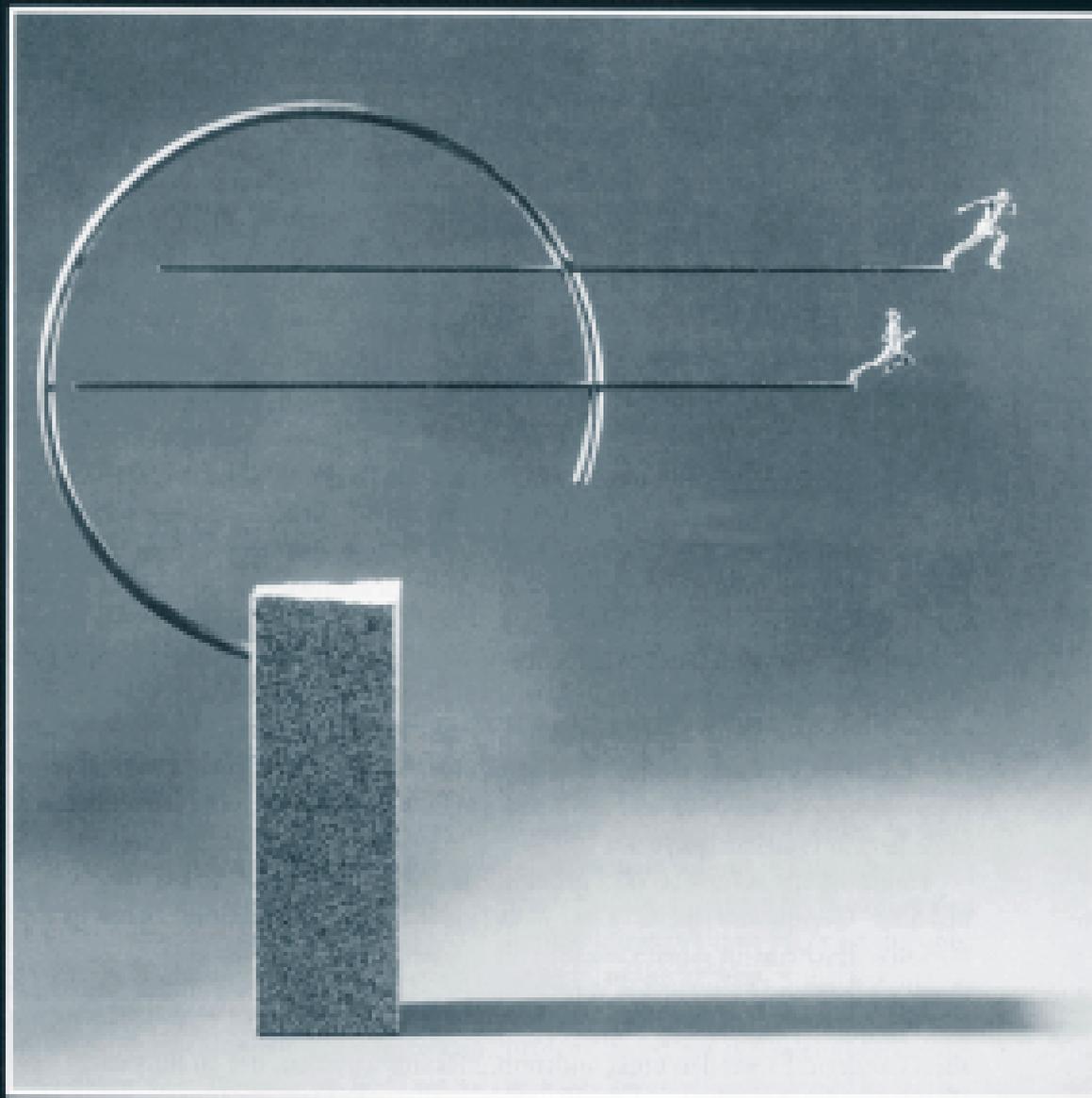
No passado, muitos seguiram realmente esta senda tão direta e concreta quanto a do grupo dos que hoje buscam a verdade seriamente, e que são cada vez mais numerosos no mundo. Quando o homem se encontra em dificuldade e as soluções habituais para resolver os problemas de sua existência já não fazem efeito, ele procura conquistar valores superiores que possam fazê-lo sair deste caminho sem rumo. Ele busca uma saída. Ele sai em busca da origem da criação, da causa de todas as coisas. Para o gnóstico, é evidente que a causa original fundamental está dentro dele mesmo, e que é aí que ele pode e deve encontrar a solução.

Portanto, escolhemos este tema "*Deus em mim*" porque ele provoca muito interesse em todos aqueles que compreendem que o mundo de hoje, com todos os seus perigos e seus sofrimentos, não pode ter sido desejado por Deus, mas que ele foi criado pelo próprio homem. Baseando-se na idéia de "*Deus dentro de si*", este Deus que é a fonte de todo o amor, de toda a sabedoria e de uma

renovação total, todos podem pesquisar a respeito do caminho desta renovação maravilhosa e liberá-lo dentro de si. Fala-se muito da consciência materialista atual e de seus resultados. Acentua-se a possibilidade de adquirir uma consciência totalmente nova, capaz de mostrar uma saída. Ora, o gnóstico baseia sua vida na aquisição de uma consciência como esta. Ele se esforça para despertar de seu sono de morte o "Deus dentro dele" e para reestruturar-se, dentro de si, inteiramente, a fim de poder seguir este Deus, este plano original de desenvolvimento, esta linha de força única que conduz à Luz. Todo o homem sério sabe que o mundo espera por uma revelação como esta. Talvez ainda muitos contestem, achando que o caminho do gnóstico não pode conduzir ao resultado desejado. Mas, nestes dias em que as belas fachadas da fraude e das autoridades estabelecidas começam a ruir e somos forçados a escolher e seguir sozinho nosso caminho, milhares de homens no mundo inteiro pressentem interiormente a existência deste caminho gnóstico. Os que escolhem este caminho respeitam seus semelhantes. Eles não os ofendem, nem os ferem, mas os ajudam a encontrar este caminho que, século após século e dia após dia, inúmeras pessoas já percorreram e que está aberto a todos em nossa época tão crítica.

Desejamos que nossos leitores possam reconhecer este caminho interior e oculto, e encontrar a coragem de dar seus primeiros passos. Quem ousar fazer isto, sentirá que se encontra em uma senda de luz, onde as trevas espessas podem ameaçá-lo, mas jamais poderão aniquilar o que pertence ao domínio da eternidade.

A Redação



A GNOSIS DO SÉCULO XX

Bibliotecas inteiras estão cheias de publicações sobre a Gnosis e o Gnosticismo. Desde a descoberta, em 1945, de quarenta e oito textos gnósticos em Nag-Hammadi, no Alto Egito, assistimos a um verdadeiro renascimento da Gnosis, que já fez correr muita tinta em nossa era. Depois das primeiras publicações dos manuscritos de Nag-Hammadi, em 1977, surgiu uma onda de considerações sobre este assunto tão cativante.

Já em 1956, comentávamos *O Evangelho da Verdade*, em Renova, e a *Carta a Reginos* foi o assunto de uma conferência de renovação. Foi em 1952 que começou uma série de conferências de renovação sobre o *Evangelho da Pistis Sophia* para os alunos da Rosacruz Áurea, e que a Rozekruis Pers, em Haarlem, publicou *A Gnosis Universal*, de Jan van Rijkenborgh.

Atualmente, a Gnosis já não é um conceito obscuro. A palavra “Gnosis” surge em dezenas de publicações teológicas e esotéricas, e o interesse pela Gnosis não pára de crescer. Muitos congressos e debates são realizados sobre este assunto. Em Amsterdam, por exemplo, foram abordados alguns temas como “A Gnosis, terceiro componente da tradição cultural européia” (1986) e “A Gnosis hermética no decorrer dos séculos” (1990), enquanto a televisão holandesa programava em 1987

uma série de programas sob o título “Os Gnósticos”. Foram publicados inúmeros livros e artigos em jornais e revistas. Em março de 1993, realizou-se um congresso, em Moscou, na Biblioteca M.I. Rudomino, sobre o tema: “Quinhentos anos de Gnosis na Europa”, enquanto em São Petersburgo acontecia uma exposição sobre o mesmo assunto. O feminismo tirou elementos de textos gnósticos que dão à mulher um papel importante. Até o momento, a Rozekruis Pers, em Haarlem, na Holanda, editou cinquenta obras de Jan van Rijkenborgh e Catharose de Petri sobre a Gnosis, traduzidas em quinze línguas.

Mas que a Gnosis não tem apenas simpatizantes é o que mostram as polémicas muitas vezes violentas que surgem nos jornais diários ou semanais, em reação ao novo interesse que este assunto desperta. Mas não se pode lutar contra esta nova corrente, pois não é por acaso que a Gnosis faz novamente bater os corações. Realmente, a Gnosis toca o coração dos buscadores e faz com que eles compreendam que existe um pensamento religioso completamente diferente daquele que foi imposto durante séculos pelo dogmatismo que domina as igrejas. O interesse pela Gnosis coincide com uma crise mundial que também é uma crise espiritual.

A Gnosis autêntica abre os olhos do buscador para um caminho, uma senda de transformação que deve começar dentro dele mesmo. A Gnosis ilumina com sua luz este caminho interior: isto constitui para o buscador uma descoberta íntima de primeira ordem.

ESCLARECIMENTO DA GNOSIS COMO VERDADE UNIVERSAL

A Gnosis é uma realidade viva que corresponde a um profundo encaminhamento interior. É uma experiência interior provocada pela atividade da centelha-do-espírito presente no coração humano, centelha de Luz a respeito da qual falavam os antigos gnósticos que designavam assim o núcleo, a semente espiritual original oculta no coração, no centro do microcosmo. A experiência interior da ação desta centelha-do-espírito provoca um choque: é o despertar mediante a “força” da Gnosis, de onde emanam, irresistivelmente, uma nova orientação de vida e um comportamento diferente. Desencadeia-se um processo de transformação interior que força a pessoa a tomar consciência de si mesma, o que provoca uma nova compreensão espiritual que revela ao buscador, que está no caminho da Gnosis, sua origem e seu destino.

É por isso que é dito no *Evangelho da Verdade*:

“Aquele que sabe é, portanto, um ser do alto. Se é chamado, ouve; e responde; e volta-se para aquele que o chama e retorna para ele. Ele compreende como foi chamado. De posse do Conhecimento, ele faz o que quer e o que agrada àquele que o chamou. E recebe a paz”.

Quem possui este Conhecimento sabe de onde veio e para onde vai. Compreende como se fosse alguém que se libertasse e despertasse da embriaguez em que estava, e então volta para si mesmo.

O gnóstico vivencia a Gnosis como libertação: a libertação da ilusão deste mundo. Portanto, a Gnosis oferece àquele que busca um conhecimento libertador. Contrariamente do que muitos sugerem, a Gnosis é uma forma de pensamento e de experiência religiosa otimista, pois o gnóstico tem o conhecimento da centelha divina que mora den-

tro dele, de seu verdadeiro ser interior, que provém do divino campo de luz original para onde ele deve, portanto, retornar. Aquele que se consagra a este caminho de retorno alcança a transfiguração por um processo de cura da alma vivente, imortal.

É por isso que os antigos gnósticos diziam: “O homem é um deus decaído” que, na realidade, não encontra seu lugar no mundo. Sua pátria original é um outro mundo, que não pertence ao universo visível. Aí está um dado fundamental, um conceito secular, tão velho quanto a humanidade: a idéia da existência de duas ordens de natureza completamente diferentes. O homem dotado do átomo-centelha-do-espírito em seu microcosmo fica vagando pelo mundo do bem e do mal, sempre atormentado pelas forças contrárias.

Um dos aspectos mais importantes para o qual a Gnosis conduz, aspecto dado como critério luminoso do fim de uma longa busca, é a *paz do retorno ao lar*. É o retorno ao equilíbrio verdadeiro em Deus. Esta paz não é a de um homem que se senta no final de um dia cansativo, mas a de um homem que alcançou a harmonia com a corrente divina que emana da Gnosis. Quem seguir esta corrente não sofrerá nenhum mal. Ele ultrapassou-se, elevando-se até o “Outro” que está dentro dele. Bem e mal se dissolvem no Uno, que é Deus.

Assim ecoa uma palavra muito antiga, mas sempre atual: “Nosso coração estará inquieto enquanto não encontrar a paz em tí”. Paz e silêncio interior são as duas únicas colunas sobre as quais se edifica a vida espiritual libertadora.

श्रीसूर्यः



DEUS É LUZ

O moinho é um bom símbolo para representar o eterno giro da roda do nascimento e da morte. Antigamente, a roda de alguns moinhos era acionada por prisioneiros ou escravos que a faziam girar enquanto andavam dentro dela. Depois de um certo número de passos, a roda havia feito um giro completo. Portanto, estes homens passavam pelo mesmo lugar, pisando sobre suas próprias pegadas. Seu passado era seu futuro.

Este tipo de moinho dá verdadeiramente uma boa imagem da repetição sucessiva de nascimento e morte, de passado e futuro. Na vida, também passamos pelos mesmos lugares, sem perceber, pois o cenário, as dimensões e os atos mudam. Cada pensamento, reflexão, opinião, sentimento, emoção, palavra, ação e reação representa um passo a mais no moinho da existência cotidiana. E cada passo deixa uma pegada. À medida que o número de voltas na roda vai aumentando, as pegadas sobre as quais vamos caminhando mais uma vez vão-se tornando cada vez mais marcantes e a cada passo vamos reencontrando. A roda gira e vai subindo atrás de nós, desaparece por um momento de nossa consciência, mas torna a descer, inevitavelmente, diante de nós. É interessante compreender que não devemos confundir nossos passos com nossas pegadas. A história não se repete literalmente, pois cada nova ação implica uma escolha. Mas as pegadas dos que vieram antes de nós determinam nosso caráter, nosso karma e nos-

so destino. “Cada um forja seu próprio destino”, diz o ditado popular.

A idéia de que tudo é energia não parece muito estranha no século XX. Da mais ínfima parcela de um átomo até a nebulosa espiral mais longínqua, do mais delicado organismo vivo até o criador que o concebeu... tudo é uma forma de energia que comporta sua própria frequência vibratória. A matéria densa e inerte é, na realidade, energia sob uma forma que corresponde a determinadas condições. Há alguns anos, quem imaginasse que o mundo que nos envolve é constituído unicamente por vibrações teria sido considerado original, embora a ciência há muito tempo esteja baseada nesta constatação. Atualmente, inúmeros pesquisadores tentam ligar-se à fonte de energia do universo. Este assunto tem feito correr muita tinta e tem criado muitos debates, sem que ainda tenha sido provado nem vivenciado interiormente.

ELETRICIDADE: RESULTADO DE UM “SALTO” ENERGÉTICO

Conhecemos muito bem a eletricidade. Embora esta forma de energia seja invisível, sabemos que ela existe e a sociedade moderna não saberia como viver sem ela, e nem mesmo poderia imaginar como seria o mundo sem eletricidade. Esotericamente, sabemos que a eletricidade emana da energia universal, que se manifesta em uma diversidade inimaginável de tensões, de intensidades, de comprimento de ondas e de frequências que provêm da mesma fonte.

O carro solar de Surya (Miniatura indiana da Escola de Mewar, no século XVIII).

A mais curta definição da natureza da divina Fonte universal, que é a mais tocante e profunda, surge na Primeira Epístola de João: “Deus é Luz!”. E quanta coisa precisa acontecer na vida de um homem para que ele possa pronunciar estas três palavras com toda a sua consciência! Entretanto, apenas pronunciá-las não faz nenhum sentido, pois o homem é chamado a construir, ele mesmo, uma realidade vivente. A finalidade de todos os seres humanos é, um dia, manifestar por si mesmo a “verdade” transmitida por estas três palavras.

ONDE ENCONTRAR A LUZ DE DEUS?

O que sabe o ser que faz girar a roda do moinho sobre “o Deus dentro dele, que é Luz”? Será que ele conhece esta realidade? Como ele poderia conhecê-la, ele que, passo a passo, dia após dia, ano após ano, deixa na roda de sua existência as pegadas de seus pensamentos, de suas emoções e de seus atos? Ele reage, ele deve reagir, às vezes no próprio dia, às vezes durante a próxima existência.

Por mais que ele pense que está criando algo novo e pessoal a cada passo que vai dando, na realidade ele está passando pelo mesmo lugar até que a morte o alcance. Mas, antes disso, o chamado de Deus atravessa algumas vezes seu pensamento. Deus é Luz! Será que ele vai segurar esta corda de luz, ou a deixará passar porque tantas outras coisas importantes sempre estão solicitando sua atenção? Deus é Luz! Será que a luz toca seu coração e lhe mostra seu aprisionamento na roda do moinho? Será que ele não está cansado de girar como um louco? Será que ele já não se excedeu tanto que até chegou ao limite? Chega! Chega! Quero Luz! Meu Deus, concede-me tua Luz!

O que é esta Luz? Será que ela é visível, sensível? Qualquer pessoa que fala da “luz” pensa, geralmente, na luz do sol, na luz perceptível. Mas será que

se trata desta luz? Desta luz que ele percebe com seus olhos, ou da que ele percebe também com seus outros sentidos?

UMA DISTINÇÃO A SER FEITA

Quando vos levantaiis pela manhã e abris as cortinas, a luz flui por todo o quarto. Esta luz leva mais ou menos 8 minutos para percorrer a distância entre o sol e a terra, e a parte que nos atinge é muito pequena. Antigamente, um professor muito sábio suspirava com a idéia do desperdício que representam os 95% de energia solar que nos escapam.

Esta energia solar divide-se em numerosos grupos de irradiação, cada um com sua natureza, sua estrutura e sua função:

- a luz visível, que se divide nas mesmas cores do espectro;
- a luz invisível, como por exemplo o calor, o som, os raios X, a radioatividade etc.;
- energias ainda desconhecidas e indefiníveis.

Assim como a criança se forma no útero da mãe a partir do programa hereditário concebido especialmente para a futura vida, os processos vitais da natureza são programados pela energia que irradia do sol. Em outras palavras: todas as formas terrestres emanam da energia solar; ou de uma forma desta energia mais ou menos densa; ou ainda, de uma forma de energia “mais lenta”.

CORRENTES DE ENERGIA QUE SE EXPRESSAM SOB A FORMA DE MATÉRIA

A energia solar traz dentro dela várias espécies de radiações que, em certas condições, ficam mais densas e tornam-se formas vitais. Por exemplo: formas humanas, animais, vegetais, e terrestres – seu biotipo¹. Cada forma é, portanto, uma manifestação e um receptáculo

O carro solar de Surya. (Miniatura indiana da Escola de Mewar, no século XVIII).

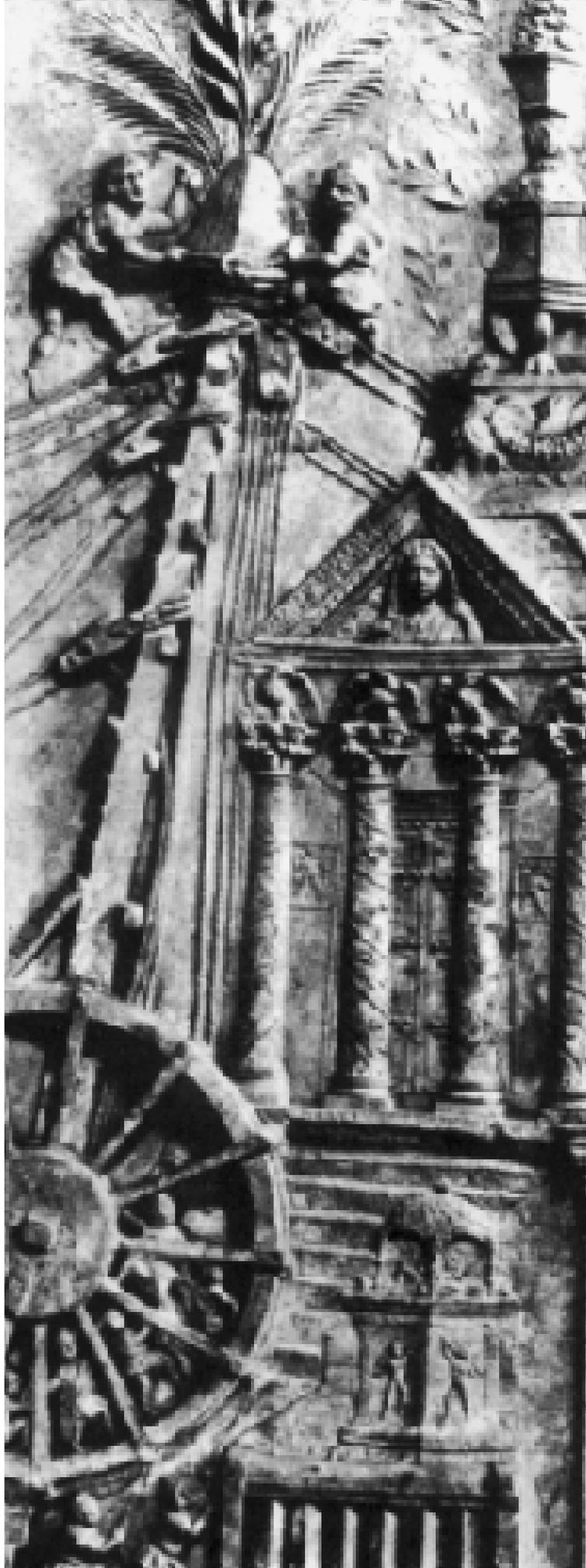
desta energia solar, que afluí nesta direção para manter a vida. Os traços e as cores maravilhosas de certas plantas e flores são um testemunho desta estreita ligação. O campo eletromagnético em que se manifesta a energia solar é, portanto, uma expressão da força solar. É a energia que escreve o livro da natureza, revelando seu reino e sua força em miríades de formas, de cores e de sons.

Os efeitos da energia solar dependem do tempo e do lugar. Aquilo que não consegue ir adiante em um lugar, prolifera em outro. As condições que fundamentam a vida em nosso planeta impossibilitam que outros planetas tenham as formas vitais que conhecemos. Estas condições foram criadas a partir de um plano inscrito na forma original da energia solar.

O SOL POR DETRÁS DO SOL

A Doutrina Universal fala da existência de duas ordens de natureza, de dois campos de vida distintos um do outro. O superior penetra o inferior, mas nunca o inverso. Hermes Trismegisto declara: *O que está embaixo é como o que está em cima; e o que é exterior é como o que é interior.* De onde se conclui que, ao lado, ou nos bastidores da energia do sol visível, existe igualmente uma energia que provém de uma outra fonte. Esta energia é denominada Vulcano, o Filho divino.

A partir do axioma de Hermes Trismegisto, pode-se dizer que a Luz, a Luz superior invisível, a energia do Sol invisível, também mostra uma diversidade infinita de raios: radiações e energias que têm uma função a cumprir no plano da criação. Em si, isto não tem nada de novo, mas a conclusão lógica é que o processo evolutivo do homem imortal já está programado e fixado em linhas de força da luz invisível. No momento em que Deus diz: *Que se faça a Luz!* o plano de desenvolvimento, em toda a sua extensão, irradiou de uma só vez.





A LIGAÇÃO COM A LUZ “OBSCURA”

Em um dado momento, o homem (que estava ainda no início de seu processo de desenvolvimento) abandonou deliberadamente a *Luz que fica por detrás da luz*. Este é o processo que se chamou de “queda”, durante o qual o homem se ligou à luz obscura, talvez porque a sentisse como uma luz, mas que, de fato, não passa de trevas. O plano de evolução, que não se beneficia da Luz divina, só pode produzir trevas; a menos que se estabeleça uma ligação temporária e que a vibração cresça somente com a finalidade de permitir que a Luz original (e portanto o plano de desenvolvimento original puro) possa apresentar-se ao menos um pouco à consciência de quem busca. Os homens de hoje que encontram-se nesta fase de

seu desenvolvimento e são habitantes das trevas.

Como a luz percível se transforma em matéria, e a matéria em luz, parece que a natureza deve adaptar-se às leis desta luz, de acordo com a inspiração e a expiração do sol percível. Por outro lado, Vulcano, o Sol que está por trás do sol, dispõe de todas as possibilidades e forças necessárias para a alma que trilha o caminho da imortalidade. Esta Luz contém todo o plano de construção do Novo Homem.

O CAMINHO DA LUZ COMEÇA COM O DESPERTAR DO HOMEM INTERIOR

“Deus disse: ‘Que se faça a Luz!’ e a Luz se fez.”

Tanto ontem como hoje, é mostrado o caminho que se abre diante de todo o ser humano. Este é o caminho que foi preparado para ele e que ele pode seguir, sem nenhum perigo, se voltar as costas à luz obscura para manter-se na Luz divina. Então, pouco a pouco, progressivamente, acontecerá uma completa recriação

É com toda a liberdade que o homem, o microcosmo, escolhe esta separação. É também em completa liberdade que ele escolhe responder e adaptar-se ao plano divino, depois de ter tomado consciência da irradiação interior da Luz eterna, que é o alicerce da alma imortal.

1. Em Biologia, trata-se de uma área geralmente pequena e de condições ambientais uniformes, caracterizada por biotipos relativamente estáveis.

O CAMINHO INTERIOR DA GNOSIS: O “LIBRUM NATRUÆ”

Em 1950, Robert Jungk publicou um livro cujo título era: “O futuro já começou”. Atualmente, a humanidade já se encontra neste futuro e nós fazemos a seguinte pergunta: Que conclusão devemos tirar disto? O que a escola Espiritual da Rosacruz Áurea pode e deve fazer neste contexto?

Atualmente, tudo é possível: hoje, há fenômenos que despertam os temores mais terríveis; mas também é a época das revelações. Tudo é revelado (muitas vezes sem escrúpulo). A mídia mostra que dirigentes doentes tomam decisões duvidosas, e, portanto, estes doentes determinam o destino de milhões de seres humanos. Quem não sente pavor sabendo das ações dementes e desesperadas de um líder religioso que, sob a influência de drogas e por isso mesmo sob a influência das forças da esfera refletora, se suicida levando seus adeptos com ele? A corrupção e a criminalidade se propagam rapidamente e quase sempre são o alicerce de um sistema social mantido contra o bom-senso. Mais uma vez fechamos os olhos para crimes contra a humanidade, que, no entanto, já haviam sido condenados durante o processo de Nuremberg pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial.

O desespero toma conta de um grande número de pessoas e a revolta contra esta fatalidade que se espalha pela humanidade cresce a cada dia. São inúmeros os que chamam à reflexão, como Robert Jungk, há 47 anos. Se a humanidade não conseguir mudar de rumo,

então a vida na terra irá piorar e se extinguir.

A GRANDE VIRADA

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea considera que estes fatos são a prova de que chegou a hora da grande virada. A humanidade encontra-se no início de uma nova fase de desenvolvimento. É uma crise que provoca grandes reviravoltas, a confusão e o caos. A insegurança ganha todos os que perderam o rumo. É por isso que a Escola Espiritual chama por uma retomada ou, melhor dizendo, para uma revolução espiritual interna, para uma transformação interior total e fundamental.

Qualquer pessoa que refletir sobre a situação embaraçosa na qual se encontram o mundo e a humanidade, haverá de render-se à evidência: somente uma transformação fundamental da consciência lhe permitirá seguir positivamente ao encontro dos novos tempos. É por esta razão que a Escola Espiritual incita todo o homem (seja dentro da Escola ou não) a descobrir que ele tem *ascendência divina e por que ele é chamado de microcosmo*.

Nesta segunda parte do artigo, chamado “Karma, Reencarnação e Rosacruz” que saiu na revista Pentagrama nº 1 de 1997, vamos *examinar o método perfeito de todas as artes, isto é, vamos ver de que se compõe o Librum Naturæ, tal como foi indicado pelos antigos rosacruzes na Fama Fraternalitatis R.C., o Testamento Espiritual da Ordem da Rosa-Cruz, publicado em 1614.*



CONSCIÊNCIA DO TESOURO OCULTO NO CORAÇÃO

O plano divino está oculto como uma semente no coração de todos. Trata-se, agora, de fazer esta semente germinar e florescer. Todos devem tomar consciência desta inestimável posse do microcosmo e chegar a vivenciá-la, graças a um comportamento totalmente novo! E, quando nossa consciência for um pouco mais esclarecida, desejaremos, conseqüentemente, nos dedicar inteiramente ao plano divino, e nos entregaremos totalmente às intenções divinas e, a partir daí, poderemos entrar em fusão com a Vida Universal. É assim que nossa consciência se fundirá com a Consciência Universal.

Entre o momento em que o interesse por estes assuntos é despertado, logo que aparece vagamente a idéia do verdadeiro objetivo da vida, e o momento da percepção e da experiência conscientes, há um caminho a ser percorrido. É um caminho que parece longo, durante o qual atravessamos um oceano de experiências enquanto nosso barco vagueia por todas as direções no meio das tempestades. O acúmulo de todas estas experiências, no decorrer da infinita su-

cessão de vidas no mundo da matéria, constitui um livro volumoso colocado no microcosmo. Ora, este livro deve fazer-nos compreender claramente que toda a evolução, qualquer que seja o plano em que ela se dê, é carregada por uma onda que se manifesta de acordo com certas leis. Trata-se de um ritmo, de um movimento universal, que opera de acordo com períodos que correspondem às leis, em durações inimaginavelmente longas chamadas "eões". Estas leis carregam a vida, de uma onda a outra. Quando começamos a estudar estas leis, elas se apresentam com todo o seu imenso poder e com uma amplitude inconcebível. Elas governam o Todo e cuidam para que o plano seja executado em todos os tempos.

A ELEVAÇÃO ATÉ O ÁPICE

Estas ondas periódicas fluem e refluem igualmente em todos os indivíduos, em todos os microcosmos. Todos os que buscam devem tornar-se conscientes delas, pois este movimento ondulatório nos conduz até o ponto em que o microcosmo possa atingir uma espiral superior de desenvolvimento e um novo

Para impedir Phaeton de perder o controle do carro do sol, Zeus o toca com seu raio. Sua queda simboliza o curso cíclico da luz (Sarcófago de mármore do século III. Erimétrio, São Petersburgo).

rumo. Esta fase faz parte do que chamamos de “ordem de socorro”.

Este novo período se mantém sob o signo da constituição de um novo tipo humano: a de um homem que se tornou consciente da “razão pela qual ele é chamado de *microcosmo*, a fim de poder alcançar seu verdadeiro destino no plano divino, como “microcosmo”. Quanto tempo ainda temos?”

QUANTO TEMPO NOS RESTA?

Quem pode dizer quanto tempo levará a colheita? E quem poderá dizer qual será sua amplitude? As condições evoluem com uma rapidez incrível e os acontecimentos tornaram-se imprevisíveis, como testemunham as conjunturas políticas, econômicas e climáticas. A humanidade se lança para a crista desta onda que sobe como um vagalhão do oceano divino; e, na vinha de Deus, os trabalhadores se perguntam, insistentemente: “Quanto tempo ainda temos?” Impõe-se uma única resposta: “O tempo é expressamente curto”. Então, aqueles que estão sentindo, que reconhecem e compreendem, perguntam: “O que eu posso e devo fazer?”

Podemo-nos sentir felizes e gratos por termos encontrado a Escola Espiritual atual, onde nos são reveladas as *obras prodigiosas que jamais foram vistas. Sabemos que existe o Librum Naturæ. O método perfeito, a serviço da libertação dos seres humanos! Nós o possuímos, ele nos é revelado pela metade desconhecida e oculta do mundo.*

Ora, nós chegamos a este ponto. Conhecemos o plano. Pelo menos já re-

fletimos sobre ele e, na medida de nossas possibilidades, já o experimentamos, em nossa vida, em nossa personalidade! Já se desenvolveu em nós uma força-alma que conduziu nossa consciência até uma certa compreensão. Graças a esta força-alma e ao fato de a colocarmos em prática, as experiências da vida foram conduzidas a um nível superior e um pouco acima das experiências dialéticas.

Um certo conhecimento e alguma compreensão foram assim germinando em nossa consciência. Mas de que consciência e de que compreensão estamos falando? Estamos falando sobre a consciência e a compreensão que nos dão a sublime “razão de sermos chamados de microcosmo”. Expliquemos esta frase.

A centelha divina, a mônada, está no centro do plano divino. Esta mônada emite uma radiação espiritual que forma uma estrutura de linhas de força que geram um sistema eletromagnético: o microcosmo. O centro deste sistema microcósmico é o ser monádico, que ininterruptamente envia um chamado para o átomo refletor situado no coração (este átomo é o que chamamos de *rosado-coração*). É por isso que falamos de *Deus em nós*, ou dizemos que Deus nos *fala*. Na realidade, o plano divino está sempre impulsionando a mônada para que ela realize este plano.

TODA ESTAGNAÇÃO LEVA À FORMAÇÃO DE UM SER CÁRMICO

Ora, a realidade de nosso atual estado microcósmico nos mostra que a

manifestação da idéia divina estagnou; o que faz com que, ao lado do ser *monádico* apareça uma *consciência-eu*, ou *eu-cármico*, que condiciona bastante a vida no microcosmo. Mas o plano divino impulsiona a mônada para a realização. O ser monádico envia suas sugestões através do conjunto do sistema micro-cósmico, e, portanto, também as envia para o eu da personalidade humana atual. O ser cármico grava cada fato e ação desta personalidade: toda a sua existência. A soma das experiências vividas até então confere uma espécie de consciência ao ser cármico, que irradia possantemente na consciência-eu. É assim que se explicam os terríveis sofrimentos psíquicos e corporais da personalidade humana.

Em nossa época, no fim de um período de desenvolvimento, o ser cármico conduz inúmeros seres humanos a um ponto culminante: é aí que eles se tornam buscadores. O ser astral, o ser cármico, os coloca face a face com os erros do passado e suas conseqüentes reações.

Mas, no microcosmo, e portanto também na personalidade que aí se manifesta, a mônada está sempre emitindo as sugestões do Espírito, que impulsionam para a realização do plano divino. É por essa razão que é preciso esperar o momento em que o desejo fundamental desperte para que a personalidade possa reagir de maneira correta. No fundo, a vida, em toda a sua extensão, não é realmente um confronto ininterrupto com o passado e seus erros? Vede como os homens são sempre remetidos ao passado, um passado que determina, em grande parte, o presente e todas as esperanças projetadas para o futuro.

É por isso que a Escola da Rosacruz Áurea diz aos alunos que já adquiriram conhecimento e compreensão graças a suas experiências e que, portanto, estão despertados, em um certo sentido: "Escutai sem cessar a voz da mônada, na rosa-do-coração, esta voz que nos deve perpassar completamente como um *desejo* do coração".

Mas em muitos buscadores a voz do



eu e a voz do ser cármico cobrem este murmúrio, esta voz do coração. Será que estamos prontos para ouvir e para escutar bem, de verdade, este murmúrio? É nesta hora que a força da alma se torna indispensável, pois é por ela que podemos encontrar o único comportamento correto. Neste caso, o aluno chega à fase seguinte do plano divino: ele se confia e se entrega inteiramente ao plano de Deus.

DEIXAR PARA MAIS TARDE? JÁ NÃO É POSSÍVEL!

De uma certa forma, nós conhecemos o plano. De um ponto de vista mi-

Ao alto:
O dragão representa a Matéria Original ou a Pedra dos Sábios. Suas duras escamas, seu corpo sinuoso e seu veneno simbolizam as características terrestres que são transformadas em elixir de vida pelos sábios.
Embaixo:
Na floresta do Opus Magnum as duas naturezas se encontram (De lapide philosophico, Lambsprinck, 1625).

cosmósmico, vivenciamos a idéia, a verdade universal deste plano e a necessidade de sua execução. Se hoje decidimos que vamos realizá-lo em nós, nesta vida, é preciso que nos consagramos inteiramente a ele. O tempo já chegou e deixar para mais tarde só poderia ser muito nocivo. Por quê? Porque, primeiramente, as ondas do ritmo universal não permitem que paremos antes de chegar ao ápice de nosso processo de desenvolvimento. Devemos submeter-nos completamente a esta evolução microcósmica, o que significa o abandono do eu e a neutralização do ser cármico.

Em segundo lugar, supondo que os alunos da Escola Espiritual atual da Rosacruz Áurea tenham encontrado o objetivo de suas vidas, o Lectorium Rosicrucianum tornou-se um campo de trabalho: ele se ergue como uma baliza em meio ao mundo; é um campo de atividade muito movimentado, pelo menos deveria sê-lo, no sentido específico da palavra. Aí operam duas forças que se encontram em todo o aluno que vive no Corpo-Vivo e para ele:

- a força natural da natureza dialética;
- e a força da Luz do outro Reino, o prana crístico.

Este encontro provoca um conflito, e este conflito deve ser resolvido à medida que vamos compondo *dentro de nós mesmos* o "Librum Naturae". Para tanto, é preciso, em primeiro lugar, aplicar o *método perfeito da verdadeira libertação, dentro de nós*.

Renunciar ao eu e nos elevarmos, alcançando-nos à vida da alma, são, para nós, tarefas de urgência prioritária. Assim, tornaremos-nos um exemplo para muitos seres, e poderemos auxiliá-los orientando-os em sua busca. É por esta razão que ecoa para nós esta exigência: "Abandonai-vos à nova e poderosa corrente divina, que busca atrair-nos mais fortemente do que nunca, a fim de nos elevar até o plano divino, como micro-

cosmos que somos. É assim que estaremos diretamente a serviço real da humanidade".

A Direção Internacional A.H. van den Brul

A AURORA DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA

Desde a queda, a humanidade percorreu um longo caminho de evolução através do espaço e do tempo. A partir da consciência original coletiva deveria desenvolver-se a consciência do "eu", uma consciência capaz de perceber o plano de desenvolvimento, a fim de poder tomar deliberadamente a decisão de voltar à natureza divina original.

Uma grande parte da humanidade se encontra ainda no estágio de individualização, mas há também seres que já atingiram o limite extremo do desenvolvimento terrestre. Este grupo, ainda relativamente pequeno, está consciente de que uma reviravolta fundamental é indispensável e possível.

A história do desenvolvimento da consciência humana relata um certo número de momentos críticos em que se pode dizer que a consciência dá um salto. Este tipo de "salto" é cientificamente descrito como "salto quântico" para indicar que em algum lugar dar-se-á uma mudança súbita, que não está de acordo com as leis naturais conhecidas.

Todos os seres vivos estão presos à rede rigorosa dos processos cósmicos. Desse modo, a humanidade, como um órgão vivente, faz parte do sistema da terra. A terra é um órgão vivente no corpo solar e o sol é o núcleo central da Via Láctea, e assim por diante. As influências desta complexa rede manifestam-se por irradiações que intervêm e agem periodicamente e sempre de maneira diferente. É daí que vêm as grandes revoluções que quase sempre

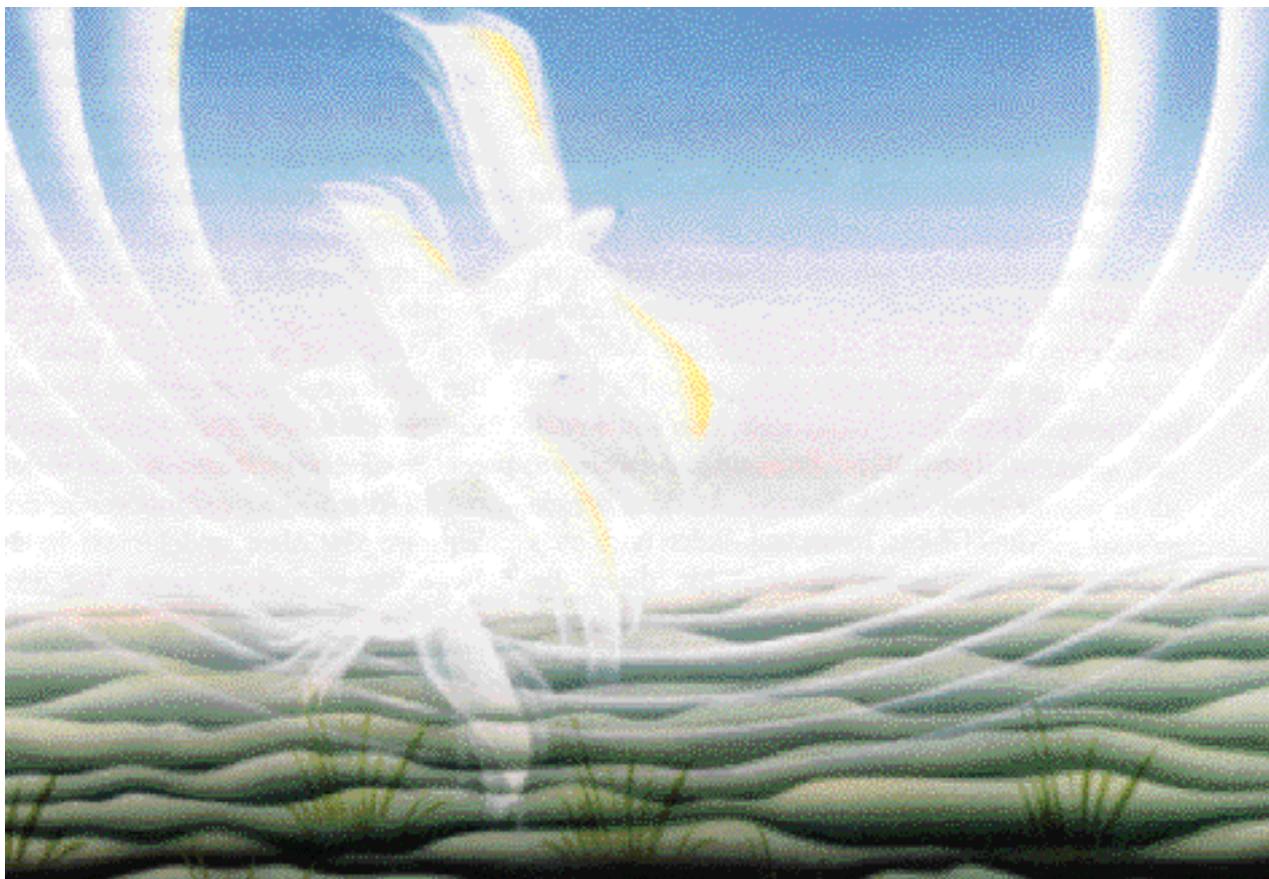
acompanham o surgimento e o desaparecimento de continentes, de povos e de civilizações. É nestes momentos que os homens têm que fazer uma escolha: utilizar os raios e as circunstâncias do momento atual, seja para a salvação de seu microcosmo, seja para a conservação de seu eu, tendo como resultado inevitável a degeneração e a cristalização. Quando um novo período de manifestação se anuncia, tudo o que está cristalizado é despedaçado e surgem novas possibilidades.

OS QUATRO ELEMENTOS QUE CONSTITUEM A CONSCIÊNCIA

A humanidade atual está longe da idéia divina de onde nasceu o homem original. Quatro forças naturais corruptíveis constituem os diferentes corpos e a consciência:

- o éter químico forma o corpo material;
- o éter de vida mantém as funções vitais em bom estado;
- o éter luminoso é o suporte das forças astrais e dos desejos;
- e o éter refletor dirige o poder mental.

O homem original vivia na natureza divina; seu corpo era constituído da substância ígnea da natureza divina e suportava as altas vibrações divinas. Uma parte desta humanidade separou-se do fogo divino, perdendo, assim, seu corpo ígneo ou de fogo: esta foi a primeira queda. Ao mesmo tempo, ela perdeu a consciência da vida original. E, para construir uma consciência substituta, foi constituído um corpo mortal. Durante um processo que durou milênios, o homem foi-se tornando o que é hoje.



Esta consciência “substitutiva” em um corpo perecível constitui o meio que permite ao microcosmo reintegrar, no momento oportuno, o plano de criação original.

O ser humano que assim é formado – tão bem representado pelo personagem Enkidu na epopéia de Gilgamesh (cf. Pentagrama nº 4 de 1996) – continuou seguindo até o século XX um longo e doloroso caminho. Ele aprendeu a obedecer às leis que ele mesmo criou, e agora chega o momento em que se apresenta uma nova etapa na curva de evolução. Ora, esta etapa necessita da posse da alma imortal. Realmente, é preciso poder vencer a morte para entrar na vida eterna! É por isso que um quinto elemento vem juntar-se aos quatro éteres: um elemento conhecido nas ciências como “eletricidade”, e em esoterismo como o “quinto éter” ou “éter de fogo”.

CADA ELEMENTO CRIA UMA CERTA CONSCIÊNCIA

Como a consciência humana desenvolve-se gradualmente, é preciso distinguir quatro formas que correspondem aos quatro elementos de base da parte perecível da criação. Estas formas de base determinam a atividade, o pensamento e a emotividade de cada um em particular e da humanidade em geral. A forma mais antiga assemelha-se muito ao sono. É um estado de vida impessoal e inconsciente, em que não se faz a distinção entre sujeito e objeto, interior e exterior. Nesta época, o homem ainda não tinha forma definida. O éter químico devia constituir, com o éter de vida, a matriz de uma forma mais densa.

Podemos considerar a materialização do corpo e a evolução da consciência do mundo exterior como um primeiro

A nova consciência poderá, com toda a liberdade, elevar-se para além da existência dialética (Ilustração Pentagrama).

“salto”. O primeiro homem material tinha a capacidade de fazer a distinção entre ele mesmo e o mundo que o cercava. Ele sentia e experimentava as coisas e os seres exteriores a si mesmo como “pólos” opostos, e daí concebia o desejo. Ele ainda não tinha consciência do espaço e do tempo e a moral não existia. Podemos qualificar esta forma de consciência como “natural e mágica”.

A SEGUNDA QUEDA

Um efeito secundário desta queda na matéria é uma ligação que cresce com a força do desejo, que aumentou ainda mais à medida que as forças diretoras começaram a se retirar para que a jovem humanidade se tornasse adulta. Os que estavam à frente desta evolução tomaram a direção, e este foi um momento crítico para a jovem humanidade, pois surgiu nesta época a possibilidade de deturpar os mistérios, de utilizá-los mal, o que provocou um processo de desenvolvimento centrado no ego. A consciência de “Deus no homem” foi sendo cada vez mais deixada para trás e a matéria tomou o seu lugar. O ser humano atingiu, assim, a última fase do desenvolvimento no interior da natureza perecível. A personalidade quádrupla encontra-se totalmente terminada e pode agora trabalhar com as forças da natureza. Ela já está pronta, também, para adquirir a compreensão de seu próprio estado. Amadurecida pelas experiências interiores, ela finalmente atinge o limite de suas possibilidades. Então, é preciso que ela faça uma escolha: ou se mantém na fase anterior e aí se cristaliza; ou deixa esta fase e entra em uma nova fase. Quem explorará e seguirá a nova senda? Quem será capaz de jogar fora tudo o que adquiriu para seguir “Deus dentro de si”?

Para dar este passo, é preciso uma compreensão totalmente nova e uma consciência que já esteja amadurecida.

Os sinais de nosso tempo mostram

que um violento combate agita a humanidade. Alguns dizem que tudo vai dar certo, um dia; outros estão extremamente nervosos e inquietos, e buscam soluções a qualquer preço. O “Deus neles” – se já não morreu! – os chama e os impulsiona a dar o passo seguinte. E, se Deus está morto há muito tempo ... quem será atormentado? Por isso, o quinto éter é enviado, a força que preserva o que ainda vive e destrói o que não tem nenhuma chance de sobreviver, pois o que pertence ao “Deus em vós” deve voltar para Deus. E quem não quer “reconhecer o reino de Deus” estará perdido.

Então desenrola-se uma terrível luta entre “o bem e o mal” no coração humano. Quem puder compreender, que compreenda! Aquele que quiser escolher, que não demore, pois, neste período tão agitado em que vivemos, trata-se de saber se temos o poder de ouvir o “Deus em nós” e de agarrar a corda salvadora que ele nos envia!

“POIS EXISTE UM SÓ DEUS”

Todo o homem sente um impulso interior de fazer uma imagem de seu criador, de seu Deus. É claro que estas representações nem sempre são as mesmas para todos, em todo o lugar. Principalmente no século XX, quando a noção do “Deus interno”, do “Deus no homem” é cada vez mais admitida, nota-se que estas representações são continuamente testados pelas circunstâncias e freqüentemente destruídos.

l númeras mitos e lendas a respeito de deuses formam um panteão rico em cores destas figuras misteriosas que conduziram a humanidade. Estas narrativas dão uma imagem do desenvolvimento do homem e se manifestam sob uma grande variedade de formas, da mais primitiva à mais sublime. Podemos concluir que o homem projeta no mundo que o envolve uma imagem de seu Deus – à medida em que o vai conhecendo – por meio de símbolos e da linguagem.

Os gregos estavam conscientes do fato de que o invisível e o desconhecido dirigem o conhecido e transmitem assim muitas forças. Eles representavam estas forças no sistema estabelecido de deuses e semideuses do qual nos fala sua mitologia. Além disso, eles fizeram também uma imagem do Deus que ainda desconheciam ...

O homem moderno destruiu em parte este sistema, criando novos ídolos, como o materialismo, a cultura do corpo, o desenvolvimento de pretensos “poderes superiores”... etc. Os gregos até ficariam

com inveja de nós!

Mas muitos compreendem, cada vez mais, que o materialismo é uma armadilha e procuram fugir dele buscando o inverso: o imaterial. Exploradores modernos, eles tentam percorrer os domínios sutis das forças etéricas e astrais, assim como as formas mentais. Mas seu objetivo, que é conhecer profundamente o mistério de Deus, este ainda não foi atingido! O inconcebível continua fascinante e queremos experimentar e sentir fisicamente o imenso “completamente outro”.

De onde provém esta luta intensa em busca da luz? Esta luz que pode iluminar a existência infernal da pseudo “vida em sociedade”? Esta luz que pode, enfim, dar a compreensão e mostrar o caminho que leva ao Criador?

Em *A Gnosis Egípcia* Tomo II, Jan van Rijckenborgh diz: *Podemos tudo deduzir, a partir da única compreensão correta de Deus: e é isto que conduz o candidato ao bom termo, com toda a certeza. Este é o ponto central e único da compreensão a partir da qual podemos explicar e compreender tudo. Todos os grandes de Espírito esforçaram-se em dar a seus alunos uma imagem libertadora de Deus. Seus ensinamentos, na Escola da Rosacruz Áurea, estão reunidos sob o conceito de “Doutrina Universal”. É a onda portadora, que é capaz de liberar o princípio divino no homem¹.*

O testemunho de Lao-Tsé (veja no quadro, a seguir) e o canto de louvor de Hermes Trismegisto têm isto em comum: eles querem demonstrar que o homem não pode compreender Deus com suas capacidades humanas. É por isso que qualquer idéia, por mais bem

intencionada e sublime que seja, não passa de uma parcela da Verdade. Portanto, quem quiser dar sua opinião, deve sempre se perguntar: Sou eu que estou falando isto ou é o “Deus em mim”?

Baseando-se no canto de louvor de Hermes e nas palavras de Lao-Tsé, os gnósticos chegaram a compreender que o ser humano era duplo. Que existe um homem natural, nascido da carne, totalmente da terra, terrestre; e que existe um homem espiritual, nascido do Espírito de Deus.

Deste homem espiritual, resta apenas um princípio rudimentar, chamado pela Doutrina Universal de lótus, a rosa-do-coração, o átomo original: Deus no homem. Assim que este princípio desperta, pode-se dizer que a força da Gnosis se libera.

No decorrer deste processo, a alma renasce e vai sendo capacitada para receber e transmitir a Gnosis em todas as circunstâncias. A alma biológica ajuda na preparação deste processo, mas ela não toma parte na ressurreição, pois o mistério da eternidade não pode ser captado por normas dialéticas.

PENETRAR NO ANTIGO TAO

No Tao Te King ², capítulo 14, é dito:

Deves penetrar no antigo Tao para poder dominar a existência presente. Quem conhece o princípio do original tem em mãos o fio de Tao. A animação, a alma original, deve voltar à vida no homem e pelo homem, graças ao Espírito divino. Na Primeira Epístola aos Coríntios (2: 10), Paulo diz: *Pois o Espírito tudo sonda: até mesmo as profundezas de Deus.* Mas o homem não-espiritual não aceita nada do que venha do Espírito de Deus. Para ele, a Sabedoria Divina é loucura porque a Gnosis somente pode ser vivenciada quando se vive no Espírito.

O CANTO DE LOUVOR DE HERMES

*Quem poderia louvar-te o bastante segundo o teu valor?
Para onde dirigirei os meus olhos para louvar-te?
Para cima, para baixo, para dentro, ou para fora?
Não há nenhuma via, nenhum lugar nem criatura alguma fora de ti; tudo está em ti, de ti tudo provém.
Tudo concedes e nada tomas, porque tudo possuis, e não há nada que não te pertença.
Quando te entoarei louvor?
Pois é impossível saber a tua hora e o teu tempo.
E por que deveria eu entoar louvores?
Pelo que criaste ou pelo que não criaste?
Pelo que manifestaste ou pelo que conservas oculto?
E com que te entoaria louvor?
Como se algo me pertencesse, como se possuísse algo próprio, ou fosse outra coisa senão tu!
Porque tu és tudo o que eu possa ser; és tudo o que eu possa fazer; tudo quanto eu possa dizer.
Porque tu és tudo, e nada há além de ti.
Mesmo o que não existe, tu és.
És tudo o que veio a ser e tudo o que ainda não foi manifestado:
Espírito, quando contemplado pela Alma-Espírito;
Pai, quando das forma ao universo todo.
Deus, quando te revelas como força ativa universal; o Bem, porque criaste todas as coisas.
O mais sutil da matéria é o ar;
O mais sutil do ar é a alma; o mais sutil da alma é o Espírito;
O mais sutil do Espírito é Deus ¹.*

Lao-Tsé é considerado o pai do Taoísmo (século XVII, Biblioteca Nacional, Paris).

**O NÚMERO DE BUSCADORES SÉRIOS ESTÁ
CRESCENDO RAPIDAMENTE**

No caminho da única fonte universal, muitos erros, sofrimentos e dores esperam pelos buscadores. De um lado, eles rompem com a imagem de Deus fornecida pela tradição cristã, sem ter, por outro lado, uma imagem clara do caminho que agora está diante deles. Eles não podem nem querem mais aceitar a imagem do Deus vingador do Antigo Testamento e procuram libertar-se totalmente destas representações estereotipadas.

Um conceito aproximado da universalidade está estreitamente ligado a uma representação do Criador. A própria essência de tal conceito está incluída no próprio ser, como "Deus dentro dele". Tudo o que os outros viram, viveram e transmitiram é certamente uma ajuda indispensável, mas o importante é que o buscador consiga liberar em sua própria vida este conhecimento e esta sabedoria oferecidas a serviço de toda a criação. Aquele que deseja atingir e ultrapassar as fronteiras de sua limitada existência mortal deve cavar o mais fundo que p

1. Jan van Rijkenborgh, *A Gnosis Egípcia*, Tomo II, Lectorium Rosicrucianum, 1ª edição, 1986.

2. Jan van Rijkenborgh e Catharose de Petri, *A Gnosis Chinesa*.

**LAO-TSÉ, O SÁBIO CHINÊS QUE VIVIA
ANTES DA ERA CRISTÃ DIZ NO TAO TE
KING:**

*Contempla o Tao; tu não o vês:
ele é chamado de invisível.
Escuta o Tao; tu não o ouves:
ele é chamado de inaudível.
Toca o Tao; tu não apalpas nada:
ele é chamado de imaterial.
Faltam palavras para pintar esta
tríplice indeterminação: é porque
elas se fundem em uma só.
O aspecto superior de Tao não
está na luz.
O aspecto inferior não está nas
trevas.
O Tao é eterno e não saberia
receber um nome.
Ele sempre volta ao não-ser.
Tu te aproximas de Tao e não vês
seu princípio.
Tu o segues e não vês seu fim.
Deves penetrar no antigo
Tao para poder dominar a
existência presente.
Quem conhece o princípio do
original tem em mãos o fio de Tao ².*



NA VÉSPERA DE PÁSCOA...

Foi em uma noite antes da Páscoa que Jesus celebrou a Santa Ceia com seus doze discípulos e outros alunos, sob a forma de uma refeição no fim do dia. Será que para nós já chegou o fim do dia? A roda do nascimento e da morte já está girando há tanto tempo! Nosso microcosmo já viu tantas vidas!

Será que já chegamos ao fim de um longo processo de desenvolvimento? Parece que é preciso viver muitas vidas para chegarmos a nos ver a nós mesmos, a nos conhecermos. O ser humano, de fato, é cheio de contradições, pois dentro dele falam duas vozes: o desejo celeste e o desejo terrestre.

A Santa Ceia trata de um cálice. E o impressionante é que Hermes Trismegisto também fala de um cálice, de uma cratera cheia de forças do Espírito que desceu aqui embaixo (segundo os Mistérios egípcios que existiam bem antes do início da era cristã):

*Ele enviou para baixo uma grande cratera cheia de forças do Espírito e um mensageiro para anunciar aos corações dos homens a tarefa: Mergulhai nesta cratera, vós, almas que podeis fazê-lo; vós que crestes e confiastes em que ascendereis até ele que enviou para baixo este vaso de mistura; vós que sabeis para que objetivo fostes criados.**

Hoje, esta tarefa é apresentada com grande insistência à humanidade, como ela sempre foi, no passado: é preciso beber deste cálice, desta cratera. O que podemos compreender com isto?

SER O PRÓPRIO CÁLICE

O homem é um microcosmo, um pequeno mundo que podemos descrever particularmente como o terreno de batalha das forças terrestres e celestes. Este microcosmo caiu do mundo divino. O corpo é terrestre, e a alma é a força de ligação. É a alma que, sob a direção do Espírito, edificou um maravilhoso corpo celeste, mas ela apegou-se a sua criação, desviou-se do Espírito e ligou-se ao corpo. Então, ela mergulhou profundamente na matéria e perdeu sua alta vibração, o que fez com que o Espírito tivesse de se retirar. Ela foi-se afundando cada vez mais na matéria que a constrangia.

O CÁLICE CHEIO DE LUZ

O cálice, que antigamente era cheio de Luz, da força do Espírito, tornou-se um poço de contradições. Mas a Luz divina não pára de chamar a alma, de tocá-la. Entretanto, a carne é fraca: ela sempre está empurrando a alma para baixo. Assim, a alma fica sem força, tomada de impotência, incapaz de levantar-se. Mas o Amor que emana incessantemente de Deus sempre está buscando o que está perdido. Sempre ele está fazendo descer o cálice cheio de forças do Espírito, um cálice transbordante de Luz crística.

CRISTO TAMBÉM É UM CÁLICE

Cristo, a força-luz universal, é tão grande, que mesmo tendo descido até o

coração da terra, ele a envolve inteiramente e derrama, para o exterior, sua Luz que constitui verdadeiramente o cálice do Graal. Este cálice nos é estendido, atmosféricamente, dia após dia. Não importa o número daqueles que dele bebem, ele sempre continua cheio. Às vezes, ele se eleva de novo ao mundo divino, mas sempre desce para buscar o que está perdido.

É dito que a última descida da Luz de Cristo, no tempo de Jesus, foi a trigésima terceira. Esta cratera, este cálice, está sempre presente e sempre continuará, até que todas as almas que podem ser salvas o sejam, efetivamente. Para as outras, a roda do nascimento e da morte não parará de girar, até a hora em que elas tenham vivido experiências suficientes para poderem ser colhidas.

O QUE PODEMOS FAZER?

Estamos em uma véspera de Páscoa, à véspera de uma ressurreição. O cálice, que ficou tanto tempo aprisionado na terra, novamente está libertado e se eleva de novo para o lugar de onde desceu, para levar consigo todos os que estão preparados para isso. Que estamos fazendo com nosso cálice? Ele está purificado e cheio de forças do Espírito? Ou ele não passa de um poço de contradições? O que nos adiantou dois mil anos de cristianismo? Compreendemos que a vida de Cristo é um símbolo a ser imitado? Que na gruta de nosso coração a Luz deve nascer? Que no Gólgota – o lugar do crânio – o velho homem deve morrer a fim de que se erga a cruz de Luz, Cristo, a Alma-Espírito vivente?

O CÁLICE CIRCULA

A porta do salão superior onde acontece a Ceia está aberta. Podemos entrar e tomar lugar à mesa. Por quanto tempo ainda? A mesa está posta, o cálice circula e todos podem beber dele. Mas a ordem secular diz que somente podem beber deste cálice aqueles que estão prontos a renunciar a tudo o que é antigo, a tudo o que pertence ao eu e dele provém. Beber do cálice significa ressurreição, ou queda ainda mais profunda! Antes que a cruz de Luz possa erguer-se, é preciso esvaziar o cálice de dor. Tudo o que é antigo deve ser despedaçado e deve desaparecer; então o Novo surgirá, resultando em um comportamento totalmente novo.

Que alegria! Sabendo disso, o sacrifício já não conta. Ainda é e sempre será a véspera de Páscoa! O cálice nos é oferecido! Bebei, então, vós, as almas que podeis!

* Jan van Rijckenborgh, *A Gnosis Egípcia*, Tomo II, Sétimo Livro, versículo 8, Lectorium Rosicrucianum, 1ª edição, 1986.

A DOCTRINA GNÓSTICA DE VALENTINO

Valentino surge como o mais importante dos gnósticos do início de nossa era. Ele nasceu em Alexandria, fez seus estudos primeiro no Egito, depois em Roma, onde trabalhou de 135 a 160. A ele é atribuída a autoria do Evangelho da Verdade e também do Evangelho de Felipe, encontrados em Nag Hammadi.

De onde Valentino tirou sua doutrina? Ele próprio disse que, em uma visão havia contemplado um recém-nascido que lhe mostrava o Logos. Estimulado por esta experiência, ele partiu em busca da Verdade. Ele desenvolveu sua doutrina e criou uma escola que cresceu rapidamente, atraindo muitos alunos. Não se sabe se o *Evangelho de Felipe* é realmente de sua autoria, mas é certo que Valentino passou por uma evolução interior semelhante à de qualquer pessoa que percorre a senda libertadora; e é este caminho que é descrito no *Evangelho de Felipe*.

RESTABELECIMENTO DA LIGAÇÃO COM A FONTE ORIGINAL DO TODO

O *Evangelho de Felipe* comporta 127 versículos que explicam de modo detalhado o restabelecimento da ligação com Deus. Os momentos mais importantes deste caminho são “o batismo pela água, a santa ceia, o batismo de fogo, ou unção do Espírito, e o grande mistério do esposo e da esposa na

câmara nupcial”. O batismo pela água religa o ser que aspira à Verdade, à força da Gnosis. Ele reage a este batismo pela convicção interior de que agora o caminho de libertação está-se abrindo para ele e que ele pode percorrê-lo com a força da Gnosis.

Esta convicção também lhe dá, entretanto, a sofrida sensação de que o homem terrestre está fundamentalmente separado de Deus, o que faz crescer seu desejo de unir-se a ele. Sobre esta base, durante a Santa Ceia, ele recebe as forças da nova esperança e torna-se capaz de seguir a lei interior e de conformar sua vida ao apelo da Gnosis. Pelo fato de ser assim unido pela força do Espírito Santo, ele tem a capacidade de religar a outros homens com o Espírito de Deus. Todos os que são receptivos a ela adquirem esta convicção; eles devolvem à humanidade tudo o que receberam de Deus e recebem um conhecimento crescente do mistério do Espírito. Na “câmara nupcial”, a sala das núpcias, a esposa — a alma purificada — espera por seu esposo — o Espírito. Ela é tocada e penetrada pelo Conhecimento divino. Ela é conhecida como ela conhece a si mesma. A Luz divina a faz sair das trevas e lhe revela sua atividade. A parte do cérebro que permite a visão espiritual é, para os gnósticos atuais, os “thalami optici”. “Thalamos”, em grego, significa “câmara nupcial”. Segundo Valentino, é neste local que acontece o grande mistério da união com Deus. Por este fato, sua doutrina vai ao encontro dos mais antigos mistérios egípcios, que utilizavam os templos como representações do santuário da cabeça.



A RESSURREIÇÃO PODE ACONTECER COM TODOS

Todo o gnóstico deve realizar interiormente esta ressurreição. Um dos rituais de Valentino descreve esta fase importante da seguinte forma: “Devemo-nos encontrar no Único. Que a graça venha sobre vós, primeiro de mim e por mim. Trajai-vos como a esposa que aguarda seu esposo, a fim de que vos torneis eu e eu me torne vós. Que a semente de Luz penetre na câmara nupcial. Recebei o esposo: fazei-o entrar e deixai que ele vos tome!”

Tais rituais representavam um auxílio poderoso, pois, quando bem utilizados, liberavam forças e estimulavam os que buscavam a verdade na senda.

No *Evangelho de Felipe*, as forças e os processos essenciais do caminho li-

bertador da alma são descritos da seguinte maneira:

“A colaboração de quatro forças é necessária para recolher os frutos do campo deste mundo. É somente pela colaboração da água, da terra, do ar e da luz que a colheita pode ser guardada no celeiro. Assim, o fruto divino consiste em quatro forças: a fé, a esperança, o amor e o conhecimento. A terra é a fé onde nos enraizamos; a água é a esperança que nos alimenta; o ar é o amor pelo qual nós crescemos; e a luz é o conhecimento, que permite o amadurecimento”.

Em sua visão, Valentino percebeu o Logos, que é o começo e o fim, como uma unidade. Ele considerou como sua missão revestir estas experiências e estas forças com palavras e imagens compreensíveis para as outras pessoas. A força que emana destes escritos são

A salamandra: símbolo do fogo oculto (Atalanta Fugiens, Michael Maier, 1618).

testemunho da realidade e da clareza destas experiências.

Existe um princípio gnóstico segundo o qual *aquele que foi tocado uma vez pelo Espírito dele deve testemunhar*. Desta visão nasceu uma ligação indissolúvel que lhe permitiu conduzir seus alunos do batismo de água até o mistério da câmara nupcial. A vida e as obras de Valentino mostram que ele seguiu este caminho de auto-iniciação.

Imaginamos que sua época, em que proliferavam os sistemas filosóficos e crenças muito diversos, não lhe facilitou muito as coisas. Mas suas palavras deixaram um rastro luminoso através dos séculos, e ainda hoje transmitem uma imagem fiel da verdade ao buscador que está a caminho. Elas estão sempre prontas a conduzir, a guiar e a sustentar este buscador, para que ele aprenda a compreender suas próprias experiências, a fim de que o homem atual também consiga, realmente, conquistar a libertação da alma.

Sobre a ressurreição da alma, Valentino diz:

“Aqueles que dizem que, antes de tudo, é preciso morrer para em seguida ressuscitar, estão enganados. Se não conseguirmos ressuscitar durante a vida, não conseguiremos fazê-lo depois da morte”.

O QUE OS ROSA-

Astral - A esfera astral da terra é a região onde estão gravadas todas as experiências da humanidade. Por esta razão, ela está profundamente suja e deteriorada. Ela rege, principalmente, o sangue e o sistema nervoso automático, conserva o estado de todas as formas e influencia a consciência e a mentalidade.

Campo de respiração - É o campo de força da personalidade, intermediário entre o ser aural e a personalidade. Neste campo estão concentradas as forças e as substâncias que correspondem perfeitamente à personalidade e mantêm o estado em que ela se encontra.

Consciência - O homem dispõe de uma consciência biológica e de uma consciência espiritual. A consciência biológica é constituída pelos centros de consciência da personalidade. A consciência espiritual encerra a estrutura de linhas de força do homem espiritual perfeito. Logo após a queda, a consciência espiritual ficou presa à consciência biológica.

Corpo etérico - É o veículo da energia vital. É a matriz do corpo material construído segundo linhas de força atraídas nos diferentes corpos sutis. O corpo etérico renovado constitui a veste da Alma imortal.

Dialética - O mundo no qual vive o homem de hoje é dialético, pois suas características são: o espaço, o tempo e as oposições, como luz e trevas, bem e mal, vida e morte. Estes elementos estão interligados e também geram uns aos outros. A Dialética Santa é o mundo original, em seu estado ainda inviolado, antes da queda.

CRUZES ENTENDEM POR ...

Éteres - São forças ou vibrações elaboradas no universo visível. Trata-se do éter químico, que está relacionado ao processo de desenvolvimento do corpo físico; do éter vital, que está relacionado com as forças de reprodução e com o corpo etérico; do éter luminoso, que está em relação com o corpo astral; e do éter refletor, que está em relação com o corpo mental. Estes quatro “alimentos santos” estão muito degenerados em relação aos que provinham da Terra original, antes da queda.

Ser Aural - Ao redor do campo de manifestação da personalidade, encontra-se o sétuplo ser aural, que possui um sistema que lhe é próprio. É uma esfera de pontos magnéticos que pode ser comparada a um céu estrelado. Estes pontos representam os rastros de inúmeras vidas que foram-se sucedendo dentro do microcosmo. Estes pontos vão atraindo forças externas e as transmitem à personalidade, e, sobretudo, ao santuário da cabeça. O ser aural também é chamado de “eu superior”. É um ser irradiante e luminoso que se mantém em interação com a personalidade. Para o transfigurista, é o grande adversário no processo de renovação fundamental.

Gnosis - Alento divino, Fonte de todas as coisas, Espírito Universal, Amor, Força, Sabedoria, Fraternidade Universal, força impulsionadora e manifestação do campo de irradiação de luz crística. É o Conhecimento vivo, que é divino e que está próximo a Deus, e que vai sendo liberado durante a senda libertadora.

Microcosmo - Pequeno mundo: sistema vital esférico, complexo, que compreende (do interior ao exterior): o corpo material, o corpo etérico, o corpo astral, o corpo mental (os quatro corpos

que formam a personalidade, o campo de manifestação ou campo de respiração), o ser aural e o sétuplo campo magnético espiritual, que tem como limite a lipika. O microcosmo do homem atual está mutilado e profundamente degenerado.

Mônada - Este termo designa a semente espiritual indivisível do microcosmo. A mônada tem dois pólos: um se encontra no coração, e é o átomo original, o proto-átomo. O outro se encontra no ser aural. No processo de transfiguração, os dois pólos devem unir-se em uma triunidade: Espírito, Alma e Corpo.

Natureza da morte - O campo das ilusões, das forças opostas, do nascimento, do crescimento e da morte, no qual toda a humanidade sem rumo deve passar por experiências (Veja Ordem de socorro).

Ordem de socorro - Trata-se do campo de vida no qual a humanidade decaída deve passar por muitas experiências para reencontrar o caminho que conduz ao campo de vida original (Veja Natureza da Morte).

Esfera Refletora - É o “outro lado”, o lado etérico da matéria visível. É aí que se encontram os pretensos inferno, purgatório e céu. Portanto, esta esfera também pertence à natureza da morte. Nos éteres da esfera refletora estão gravados todos os pensamentos, paixões e ações da humanidade, pois é aí que eles se projetam e se refletem: por isso é que esta região se chama esfera refletora. Depois da morte do corpo material, os corpos sutis se dissolvem na esfera refletora, para preparar uma outra vida futura na terra.



A FORMAÇÃO DE UM MICROCOSMO

O microcosmo é gerado da natureza fundamental. A natureza divina, como já vimos, é semelhante a uma corrente dupla: uma corrente do ser e da vontade, do desejo e da atividade. Esta corrente não é Deus, todavia provém dele. Essa corrente dupla, onipresente, oniabarcante da natureza fundamental é um campo astral poderoso e ígneo que preenche todo o universo. Sabeis que o homem com o seu pensamento racional inflama o próprio corpo astral. Quando gerais imagens-pensamentos, estas desenvolvem determinadas atividades astrais em vosso corpo. Esse abrasamento provoca uma centelha no corpo astral, com todas as conseqüências do movimento retrógado. Talvez possais perceber agora como o pensamento divino, que permanece fora da natureza fundamental, faz vibrar e arder o poderoso campo astral da natureza fundamental. Dessa forma, uma onda de vida é chamada à existência, despertada e manifestada pelo Pensamento divino. Por isto, os microcosmos também são denominados 'centelhas divinas' ou centelhas do Espírito. Um microcosmo é, portanto, uma centelha astral desprendida da natureza fundamental. Estamos ligados mui intimamente com a natureza fundamental. Um microcosmo, uma centelha do Espírito, traz consigo todas as qualidades da natureza fundamental, pois dela provém.

Estas três fontes podem ser vistas como símbolos dos três núcleos do microcosmo (Jardim de Fin, Irã, século XVI).

Extraído de *A Gnosis Egípcia*, tomo III, p. 168, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, 1ª edição, 1989.

A FORÇA DE AÇÃO DA GNOSIS NO MUNDO

A Gnosis e a natureza dialética não pertencem à mesma ordem e são dois campos de vida distintos um do outro. A Gnosis é o Logos, a fonte de toda a vida. Ela se manifesta no Espírito e pelo Espírito, em amor, luz, a força que tudo engloba, e a sabedoria universal. O oposto desta manifestação divina original é o mundo imperfeito das forças contrárias, do intelecto limitado e do amor seletivo: é o mundo da ilusão.

O campo de vida original da humanidade e o campo de vida perecível em que ela habita atualmente existem simultaneamente, mas suas propriedades os separam. A Gnosis é o absoluto e a perfeição não ligada ao tempo e ao espaço. O mundo terrestre é relativo, contraditório, imperfeito e ligado ao espaço e ao tempo.

Quem não faz a distinção entre estes dois mundos é presa fácil de mistificações, como acreditar que o que chamamos de “além” é o céu. O que chamamos de “além” nos meios religiosos, o “outro lado do véu”, o “céu” etc. não passa do correspondente simétrico sutil do mundo material. Aí também reinam alegria e dor, recompensa e punição, céu e inferno. O pintor Jerônimo Bosch (1450-1516) representou todos estas regiões. Agora, que a moda é fazer “viagens” às regiões sutis, surgem muitos testemunhos a este respeito.

A história da humanidade mostra que o campo da Gnosis está sempre tocando o campo da natureza dialética, onde surgem claramente o absoluto e o anti-

nômico, o eterno e o temporal, o perfeito e o relativo. Como ligar dois pólos tão incompatíveis? Em física, dizemos que um campo provém de uma fonte particular com propriedades específicas. O campo da Gnosis também provém de uma fonte: ele é a manifestação das propriedades desta fonte. É por esta razão que não podemos conceber nem imaginar um tipo de campo como este, pois a fonte precede o campo e não o inverso.

O CONTATO ENTRE DOIS CAMPOS INCOMPATÍVEIS

Constatando todos os impulsos gnósticos relatados na história da humanidade, perguntamos o seguinte: “Por que a Gnosis se aproxima e sempre está tocando o mundo mortal? Em nossa época está acontecendo um contato deste tipo?” A resposta à primeira pergunta é a seguinte: porque o Criador não quer que sua criatura corra o risco de perder-se. Ora, esta criatura, o homem, é dotada atualmente de uma consciência que foi formada por interação com a natureza mortal. Esta criatura encontra-se em total contradição, imperfeição, instabilidade. Mas o ser humano também possui um princípio independente desta consciência terrestre, um núcleo espiritual que emana do campo da Gnosis e que é fundamentalmente estranho ao mundo perecível: é um princípio espiritual que está sempre impulsionando o ser humano a voltar para o campo original. A presença deste princípio não garante, entretanto, que seja possível experimentá-lo conscientemente. É por isso que a

Gnosis toca todos os homens no coração e envia mensageiros para formar uma ponte temporária entre o campo gnóstico e o mundo decaído, a fim de que exista, se possível, uma ligação entre eles. Esta ponte constitui um campo intermediário que permite uma interação de um com o outro. Graças a esta ponte, a Fraternidade Universal pode socorrer a humanidade que está sem rumo. Esta operação de “salvamento” já aconteceu um número incalculável de vezes, e ainda é o que acontece hoje. Portanto, formou-se um campo seguro e nutritivo, que se estendeu sobre o mundo; e a força libertadora que daí emana toca numerosos buscadores no coração e os atrai irresistivelmente.

SEMELHANTE ATRAI SEMELHANTE

Independentemente da intensidade de sua fonte, um campo magnético somente irá atrair o que tem uma polaridade com suas propriedades. Assim, um ímã somente atrai o ferro e a Gnosis somente atrai o que é de natureza gnóstica. Ora, a semente espiritual do coração é gnóstica por natureza, pois ela provém do campo da Gnosis. O homem dialético não é gnóstico, portanto, não pode ser atraído pelas forças gnósticas. Isto não tem nada a ver com falta de amor; trata-se da ação de uma lei universal: semelhante atrai semelhante. Esta lei garante a ligação entre Deus e o princípio de luz no homem, onde quer que este se encontre.

Por um lado, o ser humano participa do campo terrestre, e de outro, a semente espiritual dentro dele o religa ao

campo da Gnosis, o que faz com que ele precise estar sempre escolhendo. Como a tentação e o engano são muito grandes, a escolha nem sempre é fácil e – na agitação deste mundo – é preciso que um campo puramente gnóstico traga seu auxílio para operar a ligação com a Fonte da Vida. Aquele que reconhece este campo e prova desta fonte, está pronto para fazer sua escolha e, em seguida, ser socorrido.

QUANTO MAIS INTENSA A FONTE, MAIS FORTE É O CAMPO

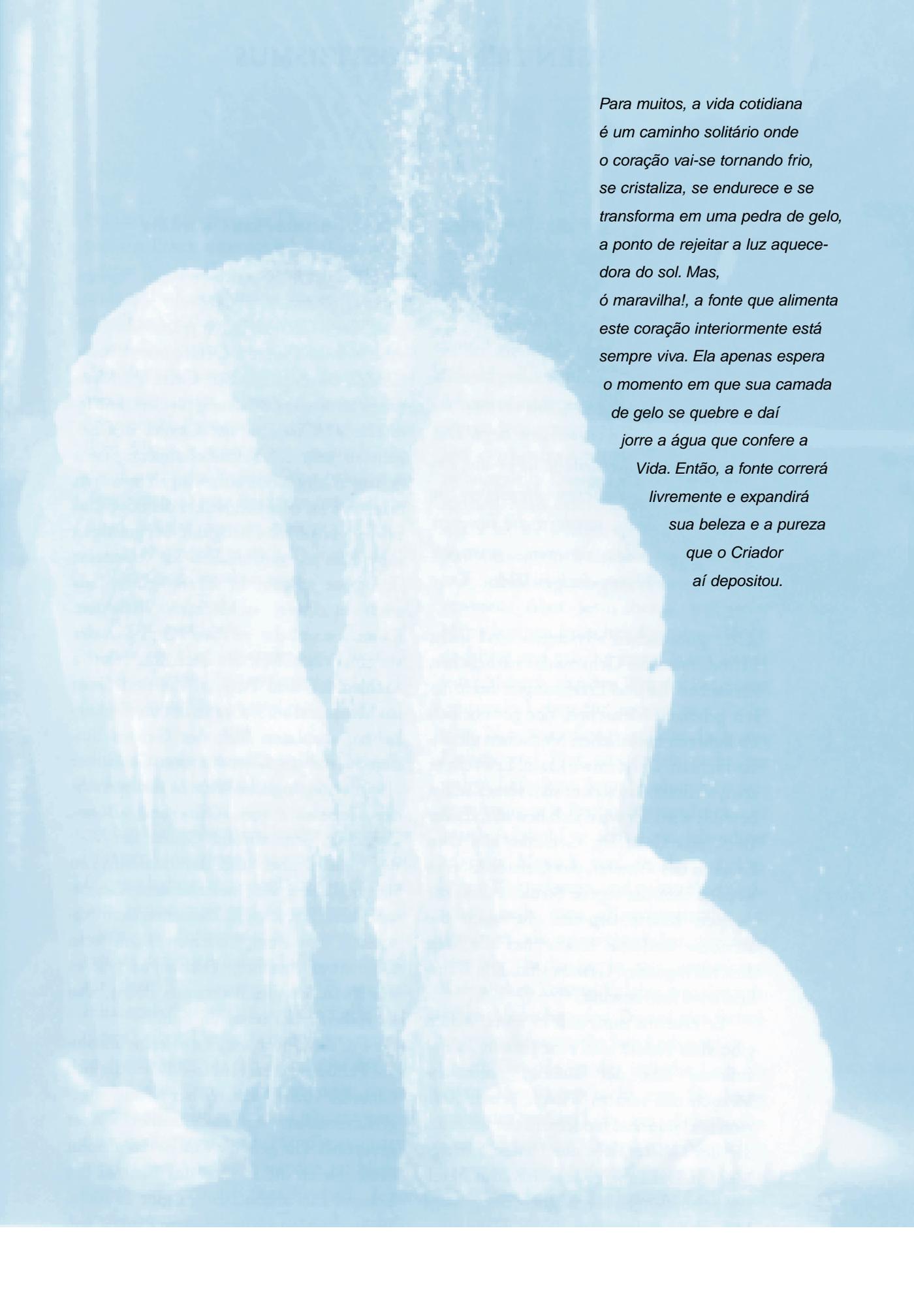
Na fonte se concentram todas as forças. Quanto mais densa for a fonte, mais forte será a ação. Quanto mais densa for a fonte de um campo gnóstico, mais fortes serão suas atividades e o auxílio oferecido. Como o campo da natureza e o campo da Gnosis são completamente distintos, a Gnosis não fala ao homem natural, mas ao homem espiritual que ainda está adormecido dentro de seu coração. É por isso que um campo gnóstico não gera nenhuma força natural, mas libera a força que sai da semente espiritual no homem. Enquanto isso, é perfeitamente possível que ele tome consciência da existência de um campo gnóstico, mas com a condição de que o buscador aí penetre sem nenhum preconceito e com intenso desejo, para descobrir e perceber a fonte deste campo. “Sem prejuízo”, evidentemente, não significa “sem reflexão” e sem exame pessoal, mas implica uma reflexão e um exame independentes de critérios convencionais, com o coração aberto e receptivo.

UMA PROFUNDA TRANSFORMAÇÃO E RENOVAÇÃO

Quando a Gnosis vai ao encontro de um ser humano, desenvolvem-se idéias e influxos que transformam radicalmente a vida comum deste ser. Por suas próprias experiências, o buscador já chegou ao ponto de compreender a necessidade de uma transformação como esta e a aceita de todo o coração. Assim, ele começa a seguir o caminho de libertação, e é a Verdade que o guia na senda da Luz, por um processo de transformação e de regeneração fundamentais, capaz de libertar a alma imortal. O exemplo que se segue sem dúvida esclarecerá este processo: um ímã é envolvido por um campo magnético; em seu interior se encontra um fio de cobre isolado, formando uma curva; ele se mantém imóvel. Neste fio não circula nenhuma corrente e nada acontece. Mas, se mexermos neste fio, uma corrente é induzida e aí se manifesta, produzindo seu próprio campo magnético em interação com o campo-mãe. O movimento do fio gera um movimento dentro do fio. Esta imagem mostra a ação de um campo eletromagnético em geral e do campo gnóstico, em particular: o que penetra neste campo sem dele tomar parte não se transforma. Quem aí penetra e participa de seu movimento sofre transformação. Não há interação entre um ser inativo e o campo que o contém. O ser nem sequer percebe o campo. Mas, se este ser começa a agir e seu movimento sintoniza com a força, ele toma parte desta nova vida. Comportar-se em conformidade com a Gnosis significa libertar-se das exigên-

cias da antiga natureza e dar prioridade à vida gnóstica. Pensamento, sentimento e ação orientam-se sem nenhum constrangimento rumo ao objetivo gnóstico.

É assim que o chamado da Gnosis ecoa no mundo. É um grande privilégio, em nossa época, poder falar da Gnosis, mas principalmente de receber sua força para a renovação da vida. A eternidade desceu no tempo. Passo a passo o aluno sério pode aproximar-se dela e aí adentrar. Pela porta aberta do campo intermediário, o toque da Gnosis torna-se uma experiência vivida. O amor divino conduz o candidato à compreensão e, se ele reagir de maneira correta, conduz também a uma transformação fundamental.



*Para muitos, a vida cotidiana
é um caminho solitário onde
o coração vai-se tornando frio,
se cristaliza, se endurece e se
transforma em uma pedra de gelo,
a ponto de rejeitar a luz aquece-
dora do sol. Mas,
ó maravilha!, a fonte que alimenta
este coração interiormente está
sempre viva. Ela apenas espera
o momento em que sua camada
de gelo se quebre e daí
jorre a água que confere a
Vida. Então, a fonte correrá
livremente e expandirá
sua beleza e a pureza
que o Criador
aí depositou.*

A VERDADE SOBRE O GNOSTICISMO

Todos os preconceitos em relação à vida gnóstica são causados pelo erro de acreditar que o homem biológico seria um homem original que perdeu o rumo. A Gnosis volta-se para o que subsiste do homem divino, o oculto e como que adormecido dentro do ser humano atual. É por isso que os gnósticos não falam das experiências do ser exterior no mundo exterior, mas de experiências interiores do ser interior, espiritual, no mundo do Espírito.

Os processos gnósticos não são invenções mentais, mas dizem respeito ao despertar, ao crescimento e à maturidade do homem espiritual, oculto como um deus adormecido dentro do homem natural e que perdeu seus poderes por muitas razões. Se este princípio divino tem a ocasião de se despertar, então ele se torna pouco a pouco consciente de provir do Espírito divino, de ser um pensamento concebido um dia pelo Pai de todas as coisas. Ele percebe sua própria estrutura e suas próprias forças, semelhantes à estrutura e às forças do Espírito que penetra o mundo. Ele se torna consciente desta verdade.

O gnóstico reconhece, em si mesmo e fora de si, que existem dois mundos: um mundo interior e um mundo exterior. No mundo exterior vive o homem exterior com seu saber, suas crenças e sua maneira de agir, dependendo das leis da natureza. No mundo do Espírito vive o homem espiritual, o homem interior. O homem exterior com todas as suas cria-

ções é mortal; o homem espiritual é imortal.

A SENDA GNÓSTICA EXPLICA ESTE DUALISMO

Quando um gnóstico fala do bem, ele está visando o mundo do Espírito imperecível. Para ele, o mundo mortal e terrestre é uma prisão, pois impede o crescimento do Espírito imperecível dentro dele. A vida perecível sempre tenta impor suas leis ao homem espiritual. É por isso que o homem gnóstico considera a vida terrestre como “má”, pois ela encobre e obscurece a vida espiritual. Ela lhe parece “má” tanto no bem quanto no mal terrestres, pois tanto o bem quanto o mal são correntes que mantêm a alma presa, longe do Bem absoluto.

Portanto, para o gnóstico, o mundo perecível é dualista. O bem opõe-se ao mal. Entre o Bem absoluto do Espírito e o bem do mundo dualista, não há oposição: não pode haver nenhum dualismo entre o absoluto e o relativo. O dualismo existe apenas entre dois pólos de natureza semelhante, portanto, no esquema do mundo relativo.

Para o gnóstico, não existem dois princípios absolutos do bem e do mal, como se fossem inimigos um do outro desde a origem dos tempos. O mundo espiritual é o Bem absoluto. É a unidade da árvore da Vida. O mal absoluto não existe. Quando o homem vai ao encontro da unidade, ele cria a dualidade da árvore do conhecimento do bem e do mal relativos. A consciência desta polaridade permite que ele escape disto e retorne ao Bem absoluto.

No *Evangelho de Felipe* está escrito:
*Neste mundo, a luz e as trevas,
a vida e a morte,
a esquerda e a direita
são irmãs gêmeas...
O que for libertado do mundo
será incorruptível,
será eterno.*

A SENDA GNÓSTICA REPRESENTADA SIMBOLICAMENTE

O gnóstico não considera o Novo Testamento acima de tudo uma narração histórica. Para ele, todas as situações e todos os acontecimentos têm, principalmente, um significado simbólico. Como ele sente seu corpo natural como uma prisão e um obstáculo, ele se esforça para libertar-se das influências deste corpo, que não é um instrumento apropriado para o Espírito. Quando o homem espiritual desperta e volta à vida, o gnóstico constitui para si, concretamente, um novo corpo, para que ele possa servir de intermediário entre a vida mortal e a imortal.

Este processo é descrito de modo muito detalhado no Novo Testamento. Jesus demoliu conscientemente o antigo templo de seu corpo terrestre e construiu um novo templo no qual o Espírito pudesse habitar. É por isso que os gnósticos diziam que o corpo de Jesus não estava morto na cruz.

Eles queriam dizer que corpo terrestre de Jesus não era seu verdadeiro corpo, aquele que correspondia a seu ser interior. Seu verdadeiro corpo é o corpo da ressurreição, o corpo que venceu a morte. Sobre este ponto, os gnósticos

sempre foram mal compreendidos. Pensava-se (e sempre se pensa) que eles diziam que Jesus tinha um corpo aparente e não um corpo de carne e sangue. Para o gnóstico, este ponto não é importante. Para ele, Jesus é o Homem de luz, o símbolo do ser que se doa totalmente aos outros na senda da libertação interior.

Jesus *tomou a forma de um servidor* (Epístola aos Filipenses, 2:7). Apesar de viver no mundo espiritual, ele nasceu no mundo perecível, onde cumpriu sua tarefa em um corpo terrestre. Em sua vida de todos os dias ele mostrou aos homens de seu tempo como empreender o processo de libertação e como realizá-lo.

No fundo, o corpo terrestre não é o verdadeiro corpo do homem, mas somente uma aparência, pois o homem verdadeiro é o homem espiritual, e para o homem espiritual o corpo terrestre não é sua morada eterna.

SENDA GNÓSTICA E ASCESE

Os gnósticos sempre foram reprovados por não se interessarem em outra coisa a não ser sua própria libertação e por quererem fugir do mundo. Não é Jesus quem diz: *Aquele que não odeia o mundo não pode ser meu discípulo?*

Ora, quando o homem natural ama o mundo e se consagra a seu próximo, isto não o liberta, nem liberta o mundo, nem liberta seu próximo. Quem quiser ser um discípulo de Jesus e quiser imitá-lo compreenderá que deve começar por romper todas as suas ligações com a natureza antes de poder ter a revelação da verdade. Deve também perder a

ilusão de que o humanitarismo pode libertar o mundo e a humanidade. Certamente, ele deve cumprir seus deveres de modo direito e correto, mas sem que eles o desviem da Verdade.

Se dentro dele todos estes obstáculos forem aniquilados e aí começar a agir o Amor divino, então poderá ser estabelecida uma relação completamente diferente com a natureza, pois ele conhece a única base sobre a qual se desenvolve o verdadeiro e libertador amor ao próximo. Aos olhos daqueles que fazem tudo para melhorar a vida terrestre, este comportamento gnóstico pode facilmente parecer insociável, e pode parecer uma fuga do mundo. Mas o inverso é verdadeiro: quem se deixa guiar pelo Amor divino vê o mundo e suas criaturas aprisionadas na ignorância e nas trevas. O “deus dentro dele” ama o mundo, não para servir aos interesses do mundo, mas para fazer com que tudo o que é divino neste mundo possa voltar a Deus.

Desta forma, o gnóstico é uma prova viva das palavras do Evangelho de João:

Pois Deus amou tanto o mundo, que lhe deu seu Filho único, a fim de que todo aquele que nele crê não pereça, mas que tenha a vida eterna.

A SENDA GNÓSTICA É ABERTA A TODOS

Dizem também que os gnósticos dispõem de métodos e conhecimentos secretos. Na medida em que o buscador sério ainda não descobriu dentro de si mesmo estes recursos, em um certo sentido estes conhecimentos ainda são

“secretos”. Na realidade, é a ignorância que os oculta e os dissimula. O saber intelectual não pode dissipar esta ignorância; ela deve desaparecer interiormente. Não se trata também de realizar a libertação pessoal do homem natural, mas sim uma libertação coletiva. Um indivíduo cuja personalidade foi renovada deve, portanto, ser considerado como um precursor da nova humanidade.

É preciso, portanto, que o homem dialético torne-se consciente de ser o portador do princípio fundamental da vida divina original, o “Deus dentro dele”. Por si só, a fé não é suficiente: é a compreensão e, principalmente o desejo de retornar ao divino que estimulam o aluno na senda. Aquele que não conhece esta inquietude, nada pode imaginar a respeito desta poderosa motivação. Conseqüentemente, os julgamentos emitidos sobre os gnósticos são errôneos:

“Eles são arrogantes”.

“Eles são frios e indiferentes.”

“Eles formam um grupo elitista.”

Mas, quem avança na senda gnóstica não pode ser arrogante e falar como se pertencesse a uma seita; é com muita modéstia que ele aprende a se calar para que “o Espírito de Deus dentro dele” possa falar. Ele transmite suas idéias renovadoras a quem quer que seja, sem exceção, a todos os que buscam o mesmo caminho. Seu maior desejo é o de que seus semelhantes se libertem para seguir a voz da Gnosis. O grau de receptividade é o que importa e é determinante. Quem não quiser e não puder abrir-se à luz interior é incapaz de vivenciar o Espírito de Deus. O aprisionamento espiritual significa não estar consciente do “Deus dentro de si”; reconhecer a Luz interior é tornar-se consci-

ente do “Deus dentro de si” e esta compreensão ajuda a romper suas próprias correntes e as dos outros. Aqui, a liberdade de um é a liberdade de todos!

O Gnosticismo é uma senda de ascese?

Dizem que os gnósticos maltratavam sua natureza e que não viviam como homens normais. Realmente, existiram pretensos gnósticos deste tipo. A diferença entre estes e os verdadeiros gnósticos é que estes podem privar-se completamente à vontade e sem o mínimo constrangimento interior ou exterior dos prazeres que se oporiam a seu processo de desenvolvimento. Para alguns, a ascese é uma severa cultura do eu; para outros, é uma libertação das correntes nas quais o eu aprisiona a alma. Quando o princípio espiritual desperta e se desenvolve em um ser humano, “felicidade” e “sofrimento” tornam-se valores muito relativos.

*Prece ao Pai das Luzes
pela iluminação final do gênero humano*

*Ó Luz invisível,
dá-nos olhos para te ver!*

*Ó Luz eterna,
tu, que participas da eternidade,
ilumina nossos espíritos
a fim de que eles te compreendam e te queiram bem
pois haveriam as trevas de te louvar,
Luz eterna?*

*Ó, estende, estende teus raios
e que nossa cegueira se dissipe
em todo o teu poder,
a fim de que aqueles que criaste
para tomarem parte da Luz e da Vida
deixem de ser cegos, de andar vagando sem rumo,
de tatear na escuridão
e de se afundar no túmulo.*

*Se não nos houvesse criado, Senhor,
não existiríamos.
Por que, então, toleras
que aqueles a quem deste a vida
tornem-se presas da morte?*

*Teus olhos são milhares de vezes
mais brilhantes que o sol e sondam os abismos.
Por que não nos dás,
a nós que fomos criados à tua imagem,
olhos clarividentes capazes de ver, dentro de si
o abismo de sua insignificância,
e portanto de ver em ti a fonte de seu ser?*

*Ó Verbo que disseste no princípio:
“Que se faça a luz”,
haverás de dizê-las novamente hoje:
“Que se faça a luz”
e a luz se fará.*

Detalhe do Jardim
das Delícias
(Jerônimo Bosch,
1450-1516, Museu
do Prado, Madri). Jan Amos Comenius, 1657.



GNOSIS FALSA E GNOSIS VERDADEIRA

Quando lemos algo a respeito da Gnosis ou quando ouvimos falar alguma coisa a respeito dela, geralmente associamos esse conceito àquele de “conhecimento oculto” e designamos pela palavra “gnóstico” tudo aquilo que é misterioso e que por conseguinte, oculto ao ser natural grosseiro.

Originalmente, a Gnosis era, porém, a síntese da sabedoria primordial, a soma de todo o Conhecimento, que dirigia a atenção diretamente para a vida primordial divina, uma verdadeira onda de vida humana não-terrestre.

Os Hierofantes da Gnosis eram — e ainda são — os enviados do Reino imutável, trazendo para a humanidade perdida a Sabedoria divina e indicando a senda única para aqueles que, na qualidade de filhos perdidos, estão desejosos de retornar à Pátria original.

Essa Gnosis, tal como foi trazida pelos hierofantes mensageiros, jamais foi escrita. Ela foi transmitida verbalmente, de instrutor a aluno. Entretanto, nada deve fazer supor que essa transmissão verbal da Gnosis tenha sido, sem mais nada, completa. Havia um contato com o grupo e com o próprio candidato. Em ambos os contatos era minuciosamente levada em conta a condição espiritual do interessado. Da Gnosis somente era revelado aquilo que era considerado útil e necessário ao candidato.

Assim, pode-se afirmar com absoluta certeza que nas regiões dialéticas não existe pessoa alguma em quem a Gnosis se tenha revelado em sua totalidade. Aquele que afirma conhecê-la,

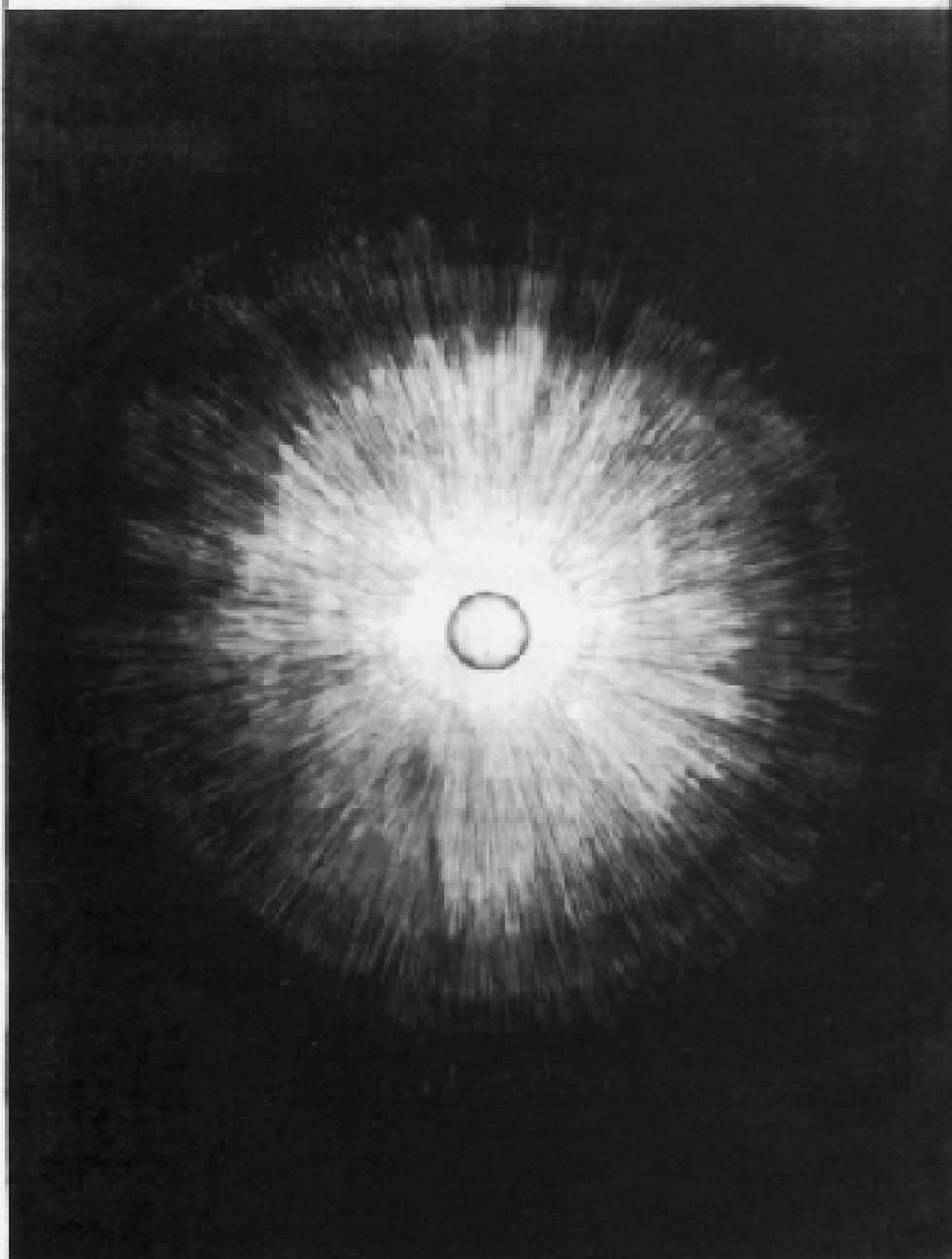
não a conhece; e aquele que a conhece, não fala. Esta é uma lei dos mistérios universais, rigorosamente observada desde que surgiu a ordem de natureza dialética.

Em conseqüência de seu egocentrismo e de sua consciência apartada do Espírito, o homem dialético tem a tendência característica de utilizar aquilo que ele pode agarrar e assimilar, em qualquer nível que seja, para o fortalecimento de seu próprio estado. Conseqüentemente, revelar a Gnosis a tais entidades não contribuiria para sua salvação, mas sim para a sua definitiva perdição. Por isso, a Gnosis jamais é revelada em sua plenitude, jamais foi transmitida verbalmente em sua integridade, pois são inúmeros aqueles que, muito depressa e muito facilmente, assimilam-na mentalmente e, em conseqüência, ocasionam danos não só a si mesmos, como também a outrem...

CALOR: a toda poderosa fonte de Luz que rege o Todo. Segundo os antigos alquimistas, o Amor que em tudo está presente e tudo perpassa é o único grande Mistério. Somente quando o campo de vida foi cuidadosamente preparado este Amor divino é atraído e pode irradiar (A escada dos Sábios, Barent Coenders van Helpen, 1689).

* Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, *A Gnosis Universal*, Lectorium Rosicrucianum, 1ª edição, 1985.

C A L O R



Qualis primum. Autor Lucis Omnia Regit

DESENVOLVIMENTO DE UM NOVO PODER MENTAL

A faculdade atual de pensar é insuficiente. As antigas Escolas de Mistérios desenvolviam um pensamento capaz de adquirir o conhecimento e a compreensão do Criador e de sua obra. Este pensamento não era, portanto, baseado unicamente na matéria, mas, em primeiro lugar, sobre a alma e o Espírito.

Quem tenta descobrir por si mesmo o verdadeiro sentido da vida, começa refletindo sobre a essência das coisas. Mas, logo que chega ao limite entre a matéria e Espírito ele sente que seu pensamento não pode mais aprofundar-se no mistério da vida. Ele pode no máximo reunir um certo número de fatos, ordená-los e daí tirar suas conclusões. Às vezes, parece que consegue entrever uma nova dimensão, mas logo ele se bate contra as barreiras, e a essência da criação lhe escapa e vai-se distanciando cada vez mais.

Para realmente sondar os aspectos imateriais do Criador e de sua criação é preciso ter a faculdade de receber de modo não falseado os impulsos do Criador e interpretá-los de maneira correta. Em sua vaidade, o homem atual acredita que é semelhante ao Criador do universo e pensa que possui os mesmos poderes. Mas a realidade nos mostra que uma presunção como esta gera males inimagináveis.

É por isso que todas as puras atividades gnósticas, tanto antigamente como hoje, são dirigidas tendo em vista a libertação do princípio divino que se encontra no coração de todos os seres humanos. Somente então é possível ele-

var-se acima das limitações terrestres e fazer crescer a alma ainda inconsciente, e este processo de desenvolvimento constitui o fundamento de um poder mental absolutamente inconcebível e fora do alcance para o cérebro atual.

COMO CHEGAR A ISTO?

A filosofia gnóstica parte do princípio de que a inteligência do homem atual é geralmente ainda imperfeita, inacabada, imatura. A Doutrina Universal nos ensina que, em um dado momento de sua evolução, a humanidade recebeu o gérmen do pensamento. O poder do pensamento deveria tornar-se, então, um órgão diretor capaz de seguir os impulsos do Espírito completamente em liberdade. Consciente ou inconscientemente, o homem, no entanto, fez mau uso desta liberdade. A consequência foi uma faculdade de pensar incapaz de voltar-se para a vida superior porque está exclusivamente treinada para tratar dos problemas de autoconservação sobre a terra. Esta é a razão pela qual surgiu um tipo de ser humano de pensamento duro, frio e insensível, que não hesita nem mesmo em andar sobre o cadáver dos outros. Nossa época nos dá muitos exemplos.

Admitindo-se que no ponto atingido no decorrer de sua evolução no cosmo a humanidade deve agora dar prova de poder dirigir-se e salvar-se a si mesma, uma crise geral é mais que evidente, pois quem possui a divina ciência dentro de si? Quem dispõe do poder real de conduzir os povos sem que estes o sintam? O sábio chinês Lao-Tsé diz:

A honra faz nascer a luta; o luxo faz

nascer a ambição. Os humanos buscam satisfazer seus desejos. Esta avidez é a raiz dos inúmeros problemas da sociedade.

O pensamento dialético é um produto das percepções sensoriais. Ele acontece a partir das informações conseguidas pelos sentidos. Se os sentidos são baseados sobre a conservação do eu (e eles o são, forçosamente) então o pensamento também o é. Se o pensamento está voltado para a sabedoria divina, então, ele terá diante dos olhos o bem estar das criaturas e aí trabalhará. Sem nomear ninguém, é preciso constatar que não é este o caso.

O NOVO PENSAMENTO A SERVIÇO DE TUDO O QUE VIVE

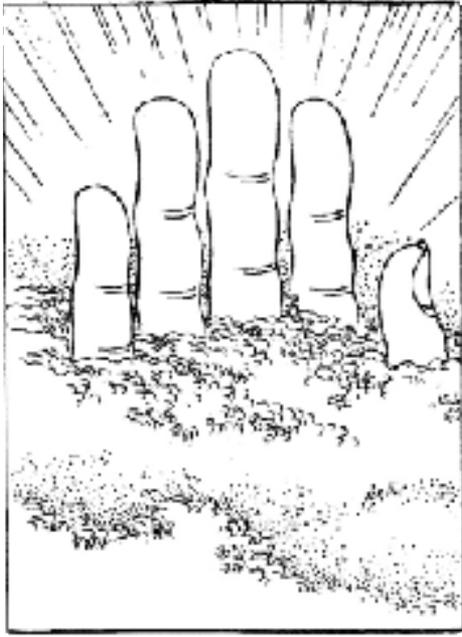
Há muito tempo, o gérmen do pensamento foi depositado no homem com a finalidade de desenvolver um poder mental capaz, tal como um cálice transparente, de receber a luz e de refleti-la em proveito daqueles que dela tivessem necessidade. Uma faculdade como esta é independente de toda e qualquer influência pessoal, livre de toda e qualquer intervenção pessoal, de toda e qualquer atração ou repulsa pessoais. Da mesma forma que o sol brilha para todos, assim a sabedoria divina irradia para todos sob o sol divino.

Como já foi dito, o pensamento comum é regido pelos sentidos. Logicamente, se os sentidos fossem destruídos, a vida desapareceria também. É por isso que a senda que conduz ao novo poder mental prevê um apagamento progressivo da influência dos sentidos



para dar lugar a um novo processo de desenvolvimento. Esta realização somente começa quando o ser humano sente um grande cansaço diante do eterno girar da roda da existência terrestre: nascimento, crescimento, morte; e novamente nascimento etc.. É um processo que conduz a consciência a um limite. Quando a consciência atinge este limite, ela se encontra diante de uma escolha: ficar no lugar ou avançar. Continuar no lugar significa voltar atrás e cristalizar-se de acordo com uma lei natural. Avançar significa renunciar a si mesmo para dar lugar ao que é novo. Assim como os adultos dão o que há de melhor para seus filhos e se esforçam a fim de prepará-los para levarem suas próprias vidas, da mesma forma o homem mortal se prepara para o desenvolvimento da vida imortal. Na fronteira entre o antigo e o novo, ele deixa o que tem para trás para que o novo poder mental possa desenvolver-se.

O poder mental, edificado a partir das percepções sensoriais, atinge seus limites em nossa época (Salvador Dali, 1951).



**TEXTO EXTRAÍDO DA LENDA DO REI
MACACO POR WU CHENG'EN**

O rei Macaco acreditava que podia medir-se com Buda. Este o desafiou para saltar embaixo da palmeira a sua direita. Se ele conseguisse, iria tornar-se habitante do Palácio celeste. O rei Macaco tomou fôlego, saltou, correu como um corisco através dos ares e chegou após certo tempo, diante de cinco colunas rosas. "Este deve ser o fim do mundo", pensou ele. E, para testemunhar sua passagem por este local, escreveu sobre a coluna do meio: "O grande Sábio, semelhante ao Céu, passou por aqui". Depois, urinou com desdém na primeira coluna e voltou-se para Buda. "Cheguei ao fim do mundo", falou ele, contando vantagem, "Vem, que eu te mostro!" Mas Buda lhe mostrou os cinco dedos de sua mão que o Macaco havia pensado que eram colunas. Depois, jogou-o para baixo e ligou-o aos cinco elementos que o mantiveram prisioneiro à terra. Foi assim que o rei Macaco, em toda a sua grandeza ilusória, foi submetido.

Ele abandona, assim, o que não pertence à Nova Vida; então o eu, o guia da personalidade mortal, retira-se em proveito do Novo Homem imortal, cujo poder mental tem a faculdade de seguir os impulsos do Espírito divino. Este processo de desenvolvimento não é, absolutamente, uma invenção dos rosa-cruzes, mas uma verdade secular, oculto como uma semente em cada ser humano.

Gravura em madeira de Hokusai (1760-1849), da edição japonesa da Lenda do rei Macaco in A Peregrinação para o Oeste (Rijksmuseum, Leyde, Holanda)

Redação: C. Bode,
A. H. van den Brul, I. van den
Brul-Doerk, R.
Bürmann, B. Klijneveld, H. P. Knevel,
H. Ch. Steinhart.

Secretaria: C. Bode, G. Uljee.